

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE SAÚDE
CURSO DE BACHARELADO EM FARMÁCIA

**PLANTAS MEDICINAIS COMERCIALIZADAS NA FEIRA LIVRE DO MUNICÍPIO
DE CUITÉ, PARAÍBA: CONHECIMENTO DO RAIZEIRO *versus* LITERATURA**

CUITÉ - PB

2015

ALINE DOS SANTOS FRANÇA

**PLANTAS MEDICINAIS COMERCIALIZADAS NA FEIRA LIVRE DO MUNICÍPIO
DE CUITÉ, PARAÍBA: CONHECIMENTO DO RAIZEIRO *versus* LITERATURA**

*Monografia apresentada à coordenação do
curso de Bacharelado em Farmácia do Centro
de Educação e Saúde da Universidade Federal
de Campina Grande, como requisito para
obtenção do grau de Bacharel em Farmácia.*

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Danielly Albuquerque da Costa

CUITÉ - PB

2015

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE
Responsabilidade Msc. Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

F814p

França, Aline dos Santos.

Plantas medicinais comercializadas na feira livre do município de Cuité, Paraíba: conhecimento do raizeiro versus literatura. / Aline dos Santos França. – Cuité: CES, 2015.

65 fl.

Monografia (Curso de Graduação em Farmácia) – Centro de Educação e Saúde / UFCG, 2015.

Orientadora: Dra. Danielly Albuquerque da Costa.

1. Levantamento etnobotânico. 2. Plantas medicinais – conhecimento popular. 3. Plantas medicinais – Cuité - PB. I. Título.

CDU 633.88

ALINE DOS SANTOS FRANÇA

**PLANTAS MEDICINAIS COMERCIALIZADAS NA FEIRA LIVRE DO MUNICÍPIO
DE CUITÉ, PARAÍBA: CONHECIMENTO DO RAIZEIRO *versus* LITERATURA**

Monografia apresentada ao Curso de Farmácia da UFCG, para obtenção do grau de Bacharel
em Farmácia.

Aprovada em: __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Danielly Albuquerque da Costa (Orientadora)

Prof. Dr. Carlos Alberto Garcia Santos (Avaliador)

Prof. Dr. Fillipe de Oliveira Pereira (Avaliador)

*Ao Deus presente, zeloso e maravilhoso e
aos meus pais, presentes, zelosos e
maravilhosos, dedico.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, meu eterno protetor, dedico minha vida e meu ânimo renovado a cada dia por conceder a graça da vida em sua plenitude, direcionando os meus passos e renovando minha fé a cada dia, iluminando-me na realização deste trabalho, ao qual é o autor.

Aos meus pais, Antônio Coêlho de França e Maria José dos Santos Silva, que são a fonte da motivação dos meus anseios, e mesmo diante das dificuldades não mediram esforços para que eu chegasse até aqui e, em especial, a minha mãe, meu som, sonho, magia, cor, suor, dose forte e lenta, alegria, minha Maria.

As minhas irmãs: Assucena dos Santos França, Maria das Mercês dos Santos Silva (Branquinha) e Damiana dos Santos Silva (Aninha) pelo apoio, paciência e cumplicidade nessa jornada, e a minha sobrinha Giovanna Letícia dos Santos Santiago por me fazer enxergar a grandiosidade da vida todos os dias.

Aos meus avós: Eudócia Maria dos Santos (vovó Eudócia), Maria Adelino Coêlho (vovó Maria) e Manuel Paulino de França - *in memorian* (vovô Manuel), e padrinhos (José Belo da Silva - *in memorian* -, Julita Ernestina da Silva (madrinha Judite) e Tereza Dias da Costa (madrinha Terezinha) e aos demais familiares e amigos o meu sincero agradecimento por serem parte do que eu sou, simplicidade, alegria, felicidade, palavras de estímulo e acreditar mais em mim que eu mesma. Permitiram-me ser, desfazer e crescer, essa conquista é nossa.

À minha Orientadora Prof.^a Dr.^a Danielly Albuquerque da Costa, por me acolher e pela inestimável orientação deste trabalho, pela confiança, estímulo, paciência, ensinamentos, preocupação, compreensão e profissionalismo. Minha admiração é enorme.

Aos Professores Dr. Carlos Alberto Garcia Santos e Dr. Fillipe de Oliveira Pereira pelas contribuições sugeridas neste trabalho e por terem a gentileza de prontamente aceitarem o convite de participação da minha banca avaliadora.

Aos demais professores do Curso de Bacharelado em Farmácia pelos ensinamentos transmitidos, e por terem me norteado quanto aos meus futuros passos como profissional, sendo pra mim verdadeiros exemplos de ética e comprometimento.

Aos meus amigos (as) de longa data, pois são como uma segunda família para mim: Laura Milena, Viviane Dantas, João Antônio, Alexsandra Simões, Nataly Simões, José Tarcísio, Thuanny Fernanda, Amanda Santos e Rayene Araújo. Obrigada pela amizade, cumplicidade, companheirismo e apoio durante esses anos.

Aos meus colegas e amigos da turma de Farmácia 2010.1/2014.2, em especial a Shellygton Lima, pelo companheirismo durante as entrevistas, e a Diégina Fernandes, Isabelly Venancio, Maria do Socorro e Patrícia Oliveira, pelos “dias de luta e de glória” e pela graça de conviver com as diferenças.

Aos raizeiros do município de Cuité por compartilhar seus conhecimentos e permitir a realização deste trabalho.

“Que todo o caminho que eu andar tenha
flores. E, se não tiver, que eu as plante.”
(Lu Andrade)

RESUMO

O poder curativo das plantas é tão antigo quanto o aparecimento da espécie humana na terra. Grande parte da população mundial utiliza espécies medicinais tradicionais para suprir sua necessidade de assistência médica primária sendo, portanto, necessário conhecer a real potencialidade terapêutica destas espécies, e principalmente saber sua identificação correta, a fim de aumentar sua utilização na área de saúde. Dentro desse contexto destaca-se a figura do raizeiro, chamando-se atenção para a valorização do conhecimento popular, que é fonte de seleção de material para estudos científicos. O trabalho ora desenvolvido teve por objetivo fazer um levantamento etnobotânico das plantas medicinais comercializadas por raizeiros na feira livre no município de Cuité, na Paraíba, e correlacionar às informações tradicionais com as científicas. A pesquisa teve caráter exploratório, descritivo e de campo, sendo realizada no período de julho a agosto de 2014 através de entrevistas com aplicação de questionários semiestruturados previamente elaborado, contendo informações sobre plantas, tais como: nomenclatura vulgar, forma de utilização, parte utilizada e indicação terapêutica. Foi possível detectar a existência de oito raizeiros que concordaram em participar da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e registrar a comercialização 64 plantas medicinais reconhecidas em 61 espécies vegetais, agrupadas em 35 famílias botânicas. Em relação às formas de utilização indicadas pelos raizeiros 76,56% dos casos estavam de acordo com a literatura, prevalecendo o chá (49,5%). No tocante às partes vegetais indicadas para as preparações dos remédios caseiros, verificou-se que 89% das citações estavam de acordo com a literatura, predominando o uso das folhas (28%), seguida do tubérculo/casca/talo (27%). As indicações dos raizeiros quando comparadas com as da literatura demonstram um expressivo percentual de concordância de 70%. Foi possível identificar as espécies em risco de extinção, as que não possuem estudos científicos e as que apresentam potencial tóxico ou abortivo. Na pesquisa desenvolvida, não há relatos para todas as espécies quanto à concentração e dose necessárias para produzir o efeito terapêutico, impedindo assim, uma possível comparação entre as informações tradicionais e científicas quanto à posologia. O levantamento realizado demonstrou que houve um expressivo percentual de concordância das informações fornecidas pelos raizeiros com aquelas descritas na literatura. Percebe-se, contudo, a necessidade de uma padronização entre a linguagem dos raizeiros e a literatura existente, para uma maior troca de informações tanto empíricas quanto científicas, o que pode ser realizado através de projetos que unam a Universidade e esse grupo estudado.

Palavras-chave: Levantamento etnobotânico; Plantas medicinais - conhecimento popular; Plantas medicinais – Cuité-PB.

ABSTRACT

The healing power of plants is as old as the appearance of the human species in earth. About Much of the world's population uses traditional medicinal plants to meet their need for primary health care being, therefore, it's necessary to know the actual therapeutic potential of these species, and especially to know their correct identification, in order to increase its use in health. In this context there is the healer figure, calling attention to the valuation of popular knowledge, which is the source selection material for scientific study. The work now developed aimed to make an ethnobotanical survey of medicinal plants sold by salespeople in the street fair in the city of Cuité, Paraíba, and correlate the information with traditional scientific. The research was exploratory, descriptive and field, being held from July to August 2014 through semi-structured interviews with application of questionnaires previously prepared containing information on plants, such as: common nomenclature, how to use, the used and therapeutic indication. It was possible to detect the existence of eight salespeople who agreed to participate in the study by signing the Informed Consent and Informed (ICI) and register the sale 64 medicinal plants recognized in 61 species, grouped in 35 botanical families. For forms of use stated by salespeople 76,56% of the cases were in agreement with the literature, whichever tea (49,5%). With regard to plant parts suitable for the preparations of the home remedies, it was found that 89% of the citations were in agreement with the literature, predominantly the use of the leaves (28%), then tuber/shell/bead (27%). Indications of healers when compared to the literature show an expressive percentage of agreement of 70%. It was possible to identify the species at risk of extinction, those without scientific studies and those with toxic or abortifacient potential. In developed research, there are no reports for all species for the concentration and dose required to produce a therapeutic effect, thus preventing a possible comparison between traditional and scientific information regarding the dose. The survey showed that there was a significant percentage of reliability of the information provided by the healers to those described in the literature. It is clear, however, the need for standardization of the language of the healers and the existing literature, to a greater exchange of both empirical as scientific information, which can be accomplished through projects that join the University and this group studied.

Keywords: Ethnobotanical survey; Medicinal plants - popular knowledge; Medicinal plants - Cuité-PB.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.	Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS (RENISUS)....	24
Quadro 2.	Relação de fitoterápicos ofertados no SUS.....	27
Quadro 3.	Estrutura básica e exemplos dos principais grupos de metabólitos secundários.....	29
Quadro 4.	Comparação de informações sobre as espécies medicinais comercializadas pelos raizeiros na feira livre, no município de Cuité-PB, com aquelas relatadas na literatura.....	36
Quadro 5.	Locais de aquisição das plantas medicinais por raizeiros que comercializam plantas em Cuité-PB.....	43

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.	Localização do município de Cuité-PB.....	32
Figura 2.	Distribuição percentual dos entrevistados quanto à idade.....	35
Figura 3.	Distribuição numérica das espécies vegetais comercializadas quanto à família.	42
Figura 4.	Distribuição percentual das principais formas de utilização das plantas comercializadas pelos raizeiros no município de Cuité-PB.....	44
Figura 5.	Distribuição percentual da parte utilizada das plantas comercializadas pelos raizeiros no município de Cuité-PB.....	47

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANVISA	Agencia Nacional de Vigilância Sanitária
CID	Código Internacional de Doenças
CIS	Comissões Interinstitucionais de Saúde
HUAC	Hospital Universitário Alcides Carneiro
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OMS	Organização Mundial de Saúde
PNPIC	Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares
PNPMF	Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos
RENISUS	Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS
SNC	Sistema Nervoso Central
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

	LISTA DE QUADROS.....	09
	LISTA DE FIGURAS.....	10
	LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	11
1	INTRODUÇÃO.....	14
2	OBJETIVOS.....	16
2.1	Objetivo geral.....	16
2.2	Objetivos específicos.....	16
3	REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
3.1	Plantas medicinais.....	17
3.1.1	Histórico de uso.....	17
3.1.2	Importância no tratamento de saúde.....	18
3.1.3	Principais formas de utilização.....	18
3.1.3.1	Chá.....	18
3.1.3.2	Lambedor.....	19
3.1.3.3	Suco ou sumo.....	20
3.1.3.4	Garrafada (vinho medicinal).....	20
3.1.3.5	Cataplasma.....	20
3.1.3.6	Compressa.....	21
3.1.3.7	Banho.....	21
3.1.3.8	Inalação.....	21
3.1.3.9	Tintura.....	22
3.1.3.10	Gargarejo.....	22
3.1.3.11	Alcoolatura.....	22
3.1.4	Raizeiros.....	22
3.1.5	Etnobotânica.....	23
3.1.6	Inserção das plantas medicinais à sociedade através das Políticas Públicas.....	24
3.1.7	Constituintes ativos.....	28
4	METODOLOGIA.....	31
4.1	Tipo de pesquisa.....	31
4.2	Local de pesquisa e caracterização do município.....	31
4.3	População e amostra.....	32
4.4	Crítérios de inclusão.....	32
4.5	Crítérios de exclusão.....	33
4.6	Instrumento de coleta de dados.....	33
4.7	Análise dos dados.....	33
4.8	Aspectos éticos.....	33
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	34
5.1	Perfil dos entrevistados.....	34
5.2	Caracterização das espécies vegetais comercializadas.....	35
5.2.1	Formas de utilização.....	44
5.2.2	Parte usada do vegetal	46
5.2.3	Indicação terapêutica.....	48
5.2.4	Posologia.....	50
5.3	Importância do resgate cultural para a Ciência e a Sociedade.....	50
6	CONCLUSÃO.....	52
	REFERÊNCIAS.....	53
	APÊNDICES.....	59

APÊNDICE A - Declaração de concordância com projeto de pesquisa.....	60
APÊNDICE B - Termo de compromisso do responsável pelo projeto em cumprir os termos da Resolução 196/96 do CNS.....	61
APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE.....	62
APÊNDICE D - Questionário semiestruturado para entrevista destinada aos raizeiros.....	63
ANEXO A - Parecer de aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa.....	64

1 INTRODUÇÃO

O poder curativo das plantas é tão antigo quanto o aparecimento da espécie humana na terra. Desde cedo as primeiras civilizações perceberam que algumas delas continham, em suas essências, princípios ativos os quais ao serem experimentados no combate às doenças revelaram empiricamente seu poder de cura (BADKE et al., 2011).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) tem recomendado que os países membros, especialmente os de terceiro mundo, procurem ampliar o arsenal terapêutico para a saúde pública como aproveitamento das práticas da medicina caseira empregada pelo povo. As recomendações são as seguintes: proceder a levantamentos regionais das plantas usadas nas práticas caseiras e identificá-las cientificamente; apoiar o uso das práticas úteis selecionadas por sua eficácia e segurança terapêuticas; suprimir o uso de práticas consideradas inúteis ou prejudiciais e desenvolver programas governamentais que permitam cultivar e utilizar as plantas selecionadas (MATOS apud NASCIMENTO, 2013).

Cerca de 80% da população mundial, segundo a OMS, utiliza espécies medicinais tradicionais para suprir sua necessidade de assistência médica primária sendo, portanto, necessário conhecer a real potencialidade terapêutica destas espécies, e principalmente saber sua identificação correta, a fim de aumentar sua utilização na área de saúde (NASCIMENTO, 2013).

Estudos etnobotânicos registram o uso de plantas medicinais dando como grande dimensão a conscientização através de modelos e uso empírico da Fitoterapia entre comunidades e seu povo (LACERDA, 2013). Sendo esta o método de tratamento caracterizado pela utilização de plantas medicinais, em suas diferentes preparações, sem a utilização de substâncias ativas isoladas, o Brasil possui vantagens e oportunidades no sentido de desenvolver essa terapêutica, já que é possuidor da maior biodiversidade do planeta, com aproximadamente 55 mil espécies vegetais (BRASIL, 2010; ENGELKE, 2003). Grande é a variedade de vegetais usados e o conhecimento tradicional sobre estes na sociedade moderna concentra-se nas mãos de especialistas populares, que tem demonstrado sua eficácia e sua validade em muitos casos (VEIGA-JUNIOR, 2008).

No Brasil, a aprovação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares pela Portaria 971 do Ministério da Saúde e a aprovação da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos pelo Decreto Presidencial Nº 5.813, em 2006, determinaram prioridades na investigação das espécies medicinais, implantando a Fitoterapia como prática

oficial da medicina, orientando as Comissões Interinstitucionais de Saúde (CIS) a buscarem sua inclusão no Sistema Único de Saúde (SUS). Para que essa inclusão ocorra é essencial que os profissionais da área de saúde conheçam as atividades farmacológicas e toxicológicas das plantas medicinais de cada bioma brasileiro, de acordo com os costumes, tradições e condição socioeconômica da população (VEIGA-JUNIOR, 2008).

Dentro desse contexto destaca-se a figura do raizeiro, pessoa já consagrada pela cultura popular, no que diz respeito ao conhecimento sobre o preparo, indicação e comercialização de plantas medicinais, chamando-se atenção para a valorização do conhecimento popular, que é fonte de seleção de material para estudos científicos (XAVIER et al., 2011).

Hoje, nas regiões mais pobres do país e até mesmo nas grandes cidades brasileiras, espécies medicinais são comercializadas em feiras livres, mercados populares e encontradas em quintais residenciais. Na microrregião do Curimataú Paraibano, muitas famílias de agricultores utilizam algum tipo de planta com fim medicinal para a cura de doenças (XAVIER et al., 2011). Além disso, as observações populares sobre o uso e a eficácia dos vegetais contribuem de forma relevante para a divulgação das virtudes terapêuticas destes e auxilia os pesquisadores na seleção de espécies para estudos botânicos, farmacológicos e fitoquímicos (MACIEL apud TRESVENZOL, 2006), tornando este tipo de pesquisa tão importante.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral:

- Fazer um levantamento etnobotânico das plantas medicinais comercializadas por raizeiros na feira livre no município de Cuité, na Paraíba, e correlacionar às informações tradicionais com as científicas.

2.2 Objetivos específicos:

- Resgatar o conhecimento que os raizeiros possuem sobre as plantas medicinais no município de Cuité, contribuindo assim com a preservação da cultura local;
- Comparar as informações (forma de utilização, parte utilizada e indicação terapêutica) das plantas medicinais comercializadas pelos raizeiros, com aquelas descritas na literatura;
- Identificar espécies vegetais que possam estar em risco de extinção;
- Identificar espécies vegetais que não tenham estudo científico, ou que tenham potencial tóxico;
- Analisar se as plantas comercializadas no município estão inseridas na Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS (RENISUS), a fim de justificar sua importância para o SUS.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Plantas medicinais

3.1.1 Histórico de uso

Desde os tempos primitivos, o homem sempre buscou na natureza as soluções para os diversos males que o assolava. Na pré-história, já empregava e sabia diferenciar as plantas comestíveis daquelas que podiam ajudar na cura de alguma enfermidade. Para utilizá-las como medicamentos, valiam-se de suas próprias experiências empíricas de acerto e erro e da observação do uso destas pelos animais (SCHEK, 2011).

As espécies vegetais correspondem às mais antigas “armas” empregadas pelo homem no tratamento de enfermidades de todos os tipos, ou seja, sua utilização na prevenção e/ou na cura de doenças é um hábito que sempre existiu na história da humanidade (FIRMO et al., 2011). Não só são utilizadas para curar doenças, mas também são utilizadas em rituais.

Há mais de 3.000 a.C. os chineses já faziam uso e cultivavam vegetais que ainda hoje são utilizados com eficácia tanto na medicina popular como por laboratórios de produtos farmacêuticos e estão catalogados na obra Pent Sao (CORDEIRO; MORAIS; 2011). Outros registros sobre a utilização de plantas medicinais são encontrados no manuscrito egípcio Papiro de Ebers, de 1.500 a. C., que contém informações sobre 811 prescrições e 700 drogas. Algumas dessas plantas ainda são utilizadas, como Ginseng (*Panax* spp.), Efedrina (*Ephedra* spp.), Senna (*Cassia* spp.) e Ruibarbo (*Rheum palmatum* L.), inclusive como fontes para indústrias farmacêuticas (FIRMO apud DUARTE, 2006).

Nas Américas, o primeiro registro de uso de plantas medicinais é o Manuscrito Badanius, o herbário asteca, do século XVI. Já no Brasil, a história de utilização de plantas no tratamento de doenças apresenta influências da cultura africana, indígena e europeia. Os índios que habitavam o país utilizavam inúmeras espécies vegetais. Por intermédio dos pajés, este conhecimento a respeito das plantas medicinais foi transmitido e aperfeiçoado de geração em geração. Os conhecimentos dos índios foram sendo absorvidos pelos primeiros europeus que chegaram ao Brasil e aqui se estabeleceram, buscando viver a partir do que a natureza tinha a lhes oferecer. Além disso, com a vinda dos escravos africanos ao país, vieram junto com eles à tradição do uso de plantas medicinais nativas da África, que eram utilizadas tanto em rituais religiosos como para o cuidado em saúde (SCHEK, 2011).

3.1.2 Importância no tratamento de saúde

As plantas medicinais são usadas como meio preventivo ou como fonte medicamentosa na cura de diversas doenças, principalmente por pessoas de baixo poder aquisitivo dos meios rural e urbano (CONCEIÇÃO et al., 2011).

No Brasil, a Fitoterapia se adequa às necessidades de vários municípios no atendimento primário à saúde. De forma geral, os fatores da expansão dessa terapêutica devem-se aos efeitos adversos de fármacos sintéticos, à preferência dos consumidores por tratamentos “naturais”, crescente validação científica das propriedades farmacológicas de espécies vegetais, desenvolvimento de novas formas de preparações e administrações, desenvolvimento de novos métodos analíticos para o controle de qualidade destes tipos de produtos e relativo baixo custo (SOUZA-MOREIRA; SALGADO; PIETRO; 2010).

O interesse acadêmico a respeito do conhecimento de plantas medicinais tem crescido, após a constatação de que a base empírica desenvolvida ao longo dos séculos pode em muitos casos ter uma comprovação científica (USTULIN et al., 2009).

3.1.3 Principais formas de utilização

As plantas medicinais são utilizadas comumente em preparações caseiras com finalidades terapêuticas. Dentre as principais formas de uso, destacam-se: chá, lambedor, suco ou sumo, garrafada (vinho medicinal), cataplasma, compressa, banho, inalação, tintura, gargarejo e alcoolatura, onde se inserem as formas de indicação dos raizeiros nas feiras livres (MATOS, 2002).

3.1.3.1 Chá

O chá destaca-se como a forma de preparo caseiro mais utilizada, podendo ser obtido através da infusão, da decocção (cozimento) e da maceração (LAMARI; DORNELLAS; SHIBATTA, 2011). Para se obter um chá esses modos devem ser levados em consideração porque muitas substâncias importantes para o tratamento das doenças e que estão presentes nas plantas medicinais são sensíveis a altas temperaturas e se perdem quando a água ferve,

diminuindo seu poder terapêutico. Por isso, deve-se levar em conta a parte da planta que será utilizada ao prepará-lo (SILVA, 2014).

A infusão consiste em despejar água fervendo em um recipiente bem fechado com a planta dentro e deixá-la repousar por aproximadamente dez minutos; a decocção baseia-se em colocar a erva num recipiente com água fria e cozinhar de cinco a trinta minutos, dependendo da erva que se quer utilizar. Geralmente é utilizado para cozimento de raízes e ervas secas; e a maceração consiste em colocar as ervas, geralmente verdes, de molho em água fria por um período de 10 a 24 horas, antes de fazer o uso (BADKE, 2011).

3.1.3.2 Lambedor

Lambedor, também conhecido como xarope pela população, é uma preparação espessada com açúcar e usada geralmente para o tratamento de dores de garganta, tosse e bronquite (MATOS, 2002), através do uso de uma ou mais espécies vegetais.

Na sua preparação, faz-se inicialmente uma calda com mel ou açúcar cristal melado, na proporção de uma parte e meia a duas para cada parte de água. A mistura é levada ao fogo e, em poucos minutos há completa dissolução e a calda estará pronta, com maior ou menor consistência, conforme desejado. Adicionam-se as plantas principalmente frescas e picadas, em fogo baixo, e mexe-se por três a cinco minutos, fim dos quais o xarope é filtrado e guardado em frasco de vidro. Se for desejada a adição de mel em substituição do açúcar, não se deve aquecer, e sim adicionar o suco da planta ou o decocto ou infuso frios. O lambedor pode ser preparado com tinturas, adicionando-se uma parte de tintura para o xarope, neste caso adiciona-se o açúcar diretamente, podendo submeter a leve aquecimento para facilitar a dissolução. O xarope pode ser guardado por até quinze dias na geladeira, mas se forem observados sinais de fermentação deverá ser descartado (CAMPOS, 2011).

O uso de combinações de diferentes ervas é muito comum no Brasil, entretanto há riscos nessa prática, uma vez que nem sempre o processo de preparação mais indicado é o mesmo para plantas diferentes e a combinação pode resultar em efeitos imprevisíveis (FREITAS et al, 2012).

3.1.3.3 Suco ou sumo

O suco é obtido a partir de folhas e frutos frescos. Tritura-se as partes da planta com água, em um liquidificador ou processador. Deve ser utilizado imediatamente após o preparo, pois ele perde suas propriedades rapidamente. O sumo é obtido pela trituração da planta medicinal fresca. Para triturar pode ser utilizado um pilão, um liquidificador ou a centrífuga. O pilão é mais usado para as partes pouco succulentas. Se a planta contiver pouco líquido, acrescenta-se um pouco de água. Deve-se filtrar o sumo e usá-lo imediatamente (TRINTADE et al, 2008).

3.1.3.4 Garrafada (vinho medicinal)

As garrafadas são bebidas medicamentosas (soluções) constituídas basicamente de dois componentes distintos, o solvente e os solutos; os solventes utilizados são vinho ou cachaça, água ou mel, e os solutos, são as partes de vegetais, cascas, frutos, folhas, raízes ou flores, secas ou verdes. São inúmeras as variedades de ervas medicinais utilizadas nas garrafadas, cujo número varia de duas até dezenove espécies diferentes e de outros complementos (DANTAS et al., 2008).

Tratando-se, portanto, de uma maceração especial, na qual as partes da planta ficam “curtindo”, preferencialmente em álcool de cereais ou vinho, por período de 8 a 15 dias, devendo ser agitadas uma a duas vezes ao dia (QUINTEIRO, 2008).

3.1.3.5 Cataplasma

É uma preparação para uso externo, de consistência mole e composta de pós ou farinhas diluídas em água, cozimentos, infusos, vinho ou leite. Forma-se uma “massa” com o produto e o aplica no local que se deseja. É preparada a quente ou, muito raramente, a frio (CASTRO, 2006); podendo ser obtida por diversas formas:

- Ervas frescas ao natural: amassar as ervas frescas e limpas e aplicá-las diretamente sobre a parte afetada ou envolvidas em pano fino ou gaze;
- Ervas secas em saquinhos: reduzi-las à pó, misturá-las em água, ou outras preparações e aplicá-las envoltas em pano fino sobre as partes afetadas;

- Em forma de pasta: Pode-se ainda utilizar farinha de mandioca ou fubá de milho e água, geralmente quente, com a planta fresca ou seca triturada (CAMPOS, 2011).

3.1.3.6 Compressa

É uma preparação de uso local que atua pela penetração dos constituintes ativos através da pele (CAMPOS, 2011). Essa forma de tratamento que consiste em colocar, sobre o local lesionado, um pano ou gaze limpa e umedecida com um infuso ou decocto, frio ou aquecido, dependendo da indicação de uso (BRASIL, 2010).

3.1.3.7 Banho

Para a realização, faz-se uma infusão ou decocção mais concentrada, que deve ser coada e misturada na água do banho. Outra maneira indicada é colocar ervas em um saco de pano fino e deixar boiando na água do banho. Estes podem ser parciais ou de corpo inteiro, e são normalmente indicados uma vez por dia (CAMPOS, 2011).

Os banhos parciais ou de assento consistem na imersão em água morna, na posição sentada, cobrindo apenas as nádegas e o quadril geralmente em bacia ou em louça sanitária apropriada (BRASIL, 2010).

3.1.3.8 Inalação

A inalação é a administração de produto pela inspiração (nasal ou oral) de vapores pelo trato respiratório (BRASIL, 2010).

Prepara-se da seguinte forma: coloca-se a erva a ser usada numa vasilha com água fervente, na proporção de uma colher (sopa) da erva fresca ou seca em meio litro d'água. Deve-se aspirar lentamente (contar até três durante a inspiração, até três na retenção do ar e até três, novamente, quando expelir o ar), prosseguir assim, ritmadamente, por 15 minutos. O recipiente pode ser mantido no fogo para haver contínua produção de vapor. Usa-se um funil de cartolina ou de papel-jornal ou, ainda, uma toalha sobre os ombros, a cabeça e a vasilha, para facilitar a inalação do vapor. No caso de crianças deve-se ter muito cuidado, pois há

riscos de queimaduras, por isso é recomendado o uso de equipamentos elétricos especiais para este fim (CAMPOS, 2011).

3.1.3.9 Tintura

A tintura é o processo que utiliza o álcool (em pureza absoluta) para dissolução dos princípios ativos dos vegetais (CASTRO, 2006). Em geral, deixam-se as partes vegetais frescas ou secas, grosseiramente trituradas, mergulhadas em álcool durante oito a dez dias (MATOS, 2002).

3.1.3.10 Gargarejo

O gargarejo consiste na agitação de infuso, decocto ou maceração na garganta pelo ar que se expelle da laringe, não devendo ser engolido o líquido final (BRASIL, 2010). Assim, para a sua realização, prepara-se um chá de ervas medicinais, e, várias vezes por dia, preferivelmente de manhã, ao levantar-se, e de noite, antes de se deitar, enxagua-se bem a garganta, gargarejando (CAMPOS, 2011).

3.1.3.11 Alcoolatura

As alcoolaturas são formas farmacêuticas obtidas pela ação dissolvente do álcool sobre uma ou várias partes vegetais frescas (FRANÇA et al., 2012). Também dá-se o nome de álcool carregado, por maceração, dos princípios solúveis das plantas em estado de frescura (DANTAS, 2007).

3.1.4 Raizeiros

O “Raizeiro” é o indivíduo que comercializa ervas medicinais “*in natura*” e detém o conhecimento sobre o “poder de cura” associado às plantas, sua forma de uso, posologia, etc. Isso baseado na sua própria experiência e em informações adquiridas empiricamente; sendo

reconhecidos pela população usuária como uma espécie de “médico”, capaz de indicar a erva correta para o tratamento de determinados males (LANINI, 2009).

Apresentam conhecimentos empíricos para identificar, cultivar, coletar as espécies vegetais que necessitam, preparar e indicar quais delas podem ser ou não comercializadas (ARAÚJO et al., 2014).

Também chamados de “prescritores populares”, são personagens bastante conhecidos da cultura nordestina, onde a população normalmente de baixa renda os tem como fonte de consulta para os seus males. São figuras marcantes, com espaço garantido em mercados públicos e em feiras livres, orientando o uso e o preparo das plantas para curar as mais diversas doenças (VIEIRA, 2012).

3.1.5 Etnobotânica

O termo etnobotânica foi empregado pela primeira vez em 1895, pelo americano John Harshberger. Designou-o como sendo o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito do mundo vegetal, englobando tanto a maneira como o grupo social classifica as plantas, como os usos que se dá a elas (VIEIRA, 2012).

Inicialmente entendida como o uso de plantas por aborígenes, a etnobotânica era considerada, desde meados do século XX, como o estudo das inter-relações entre povos de culturas primitivas e plantas. O entendimento atual ampliou a definição da etnobotânica estendendo o seu campo tanto para o estudo das populações tradicionais, quanto das sociedades industriais, no relacionamento expresso na inter-relação populações humanas/ambiente botânico. Seu conceito se estendeu assim para a investigação de sociedades humanas, passadas e presentes e suas interações ecológicas, genéticas, evolutivas, simbólicas e culturais com os vegetais (QUINTEIRO, 2008).

Assim, as pesquisas nessa área são importantes ferramentas de resgate e registro dos usos empíricos de espécies medicinais em mercados tradicionais. Segundo ROSSI (2013), desde os tempos mais remotos, a humanidade tem obtido e acumulado conhecimentos sobre a utilização dos vegetais. Com o crescente consumo dessas plantas e seus derivados houve um aumento no número de pesquisas principalmente no campo da etnobotânica, buscando informações a partir do conhecimento de diferentes povos e etnias e, portanto, colaborando para o resgate cultural acerca de informações sobre os vegetais.

3.1.6 Inserção das plantas medicinais à sociedade através das Políticas Públicas

No final do século XIX e início de século XX houve a ruptura com o conhecimento metafísico e uma ênfase no desenvolvimento da pesquisa experimental. Os cientistas passaram a estudar o corpo humano e suas partes, instalando-se o modelo biomédico. Assim, sem comprovação e respaldo científico, as terapias populares, a exemplo das plantas medicinais empregadas anteriormente na saúde humana, passaram a ser desconsideradas neste período. A partir dos anos 80 e 90, as transformações ocorridas pelo modelo econômico, político e também da saúde, fizeram com que o conhecimento popular relacionado a algumas práticas em saúde, entre elas o uso de plantas medicinais para fins terapêuticos, fossem resgatadas, atuando de forma complementar as práticas de saúde vigentes (SCHEK, 2011).

Assim, diversos documentos foram elaborados, enfatizando a introdução de plantas medicinais e fitoterápicos na atenção básica no sistema público. No Brasil, a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), publicado em maio de 2006, regulamenta a implantação e incorporação no Sistema Único de Saúde (SUS), em todo o País, de práticas de saúde como a Fitoterapia, Acupuntura e Homeopatia, contemplando as terapias alternativas complementares (RIBEIRO, 2013).

O Decreto nº 5.813, de 22 de junho de 2006, sobre a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF), tem como algumas de suas diretrizes garantir e promover a segurança, a eficácia e a qualidade no acesso a plantas medicinais e fitoterápicos, promover e reconhecer as práticas populares de uso de plantas medicinais e remédios caseiros e promover a adoção de boas práticas de cultivo e manipulação de plantas medicinais e de manipulação e produção de fitoterápicos, a partir de uma legislação específica (BRASIL, 2006).

Com base em toda essa política, foi criada em 2009 a Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS (RENISUS) que apresenta plantas medicinais (Quadro 1, p. 24) que possui potencial para gerar produtos de interesse ao SUS. A finalidade da lista é orientar estudos e pesquisas que possam subsidiar a elaboração da relação de fitoterápicos disponíveis para uso da população, com segurança e eficácia para o tratamento de determinada doença (RIBEIRO, 2013).

RELAÇÃO NACIONAL DE PLANTAS MEDICINAIS DE INTERESSE AO SUS (RENISUS)	
1.	<i>Achillea millefolium</i>
2.	<i>Allium sativum</i>

3.	<i>Aloe</i> spp* (<i>A. vera</i> ou <i>A. barbadensis</i>)
4.	<i>Alpinia</i> spp* (<i>A. zerumbet</i> ou <i>A. speciosa</i>)
5.	<i>Anacardium occidentale</i>
6.	<i>Ananas comosus</i>
7.	<i>Apuleia ferrea</i> = <i>Caesalpinia ferrea</i> *
8.	<i>Arrabidaea chica</i>
9.	<i>Artemisia absinthium</i>
10.	<i>Baccharis trimera</i>
11.	<i>Bauhinia</i> spp* (<i>B. affinis</i> , <i>B. forficata</i> ou <i>B. variegata</i>)
12.	<i>Bidens pilosa</i>
13.	<i>Calendula officinalis</i>
14.	<i>Carapa guianensis</i>
15.	<i>Casearia sylvestris</i>
16.	<i>Chamomilla recutita</i> = <i>Matricaria chamomilla</i> = <i>Matricaria recutita</i>
17.	<i>Chenopodium ambrosioides</i>
18.	<i>Copaifera</i> spp*
19.	<i>Cordia</i> spp* (<i>C. curassavica</i> ou <i>C. verbenacea</i>)*
20.	<i>Costus</i> spp* (<i>C. scaber</i> ou <i>C. spicatus</i>)
21.	<i>Croton</i> spp (<i>C. cajucara</i> ou <i>C. zehntneri</i>)
22.	<i>Curcuma longa</i>
23.	<i>Cynara scolymus</i>
24.	<i>Dalbergia subcymosa</i>
25.	<i>Eleutherine plicata</i>
26.	<i>Equisetum arvense</i>
27.	<i>Erythrina mulungu</i>
28.	<i>Eucalyptus globulus</i>
29.	<i>Eugenia uniflora</i> ou <i>Myrtus brasiliensis</i> *
30.	<i>Foeniculum vulgare</i>
31.	<i>Glycine max</i>
32.	<i>Harpagophytum procumbens</i>
33.	<i>Jatropha gossypifolia</i>
34.	<i>Justicia pectoralis</i>
35.	<i>Kalanchoe pinnata</i> = <i>Bryophyllum calycinum</i> *
36.	<i>Lamium album</i>
37.	<i>Lippia sidoides</i>
38.	<i>Malva sylvestris</i>
39.	<i>Maytenus</i> spp* (<i>M. aquifolium</i> ou <i>M. ilicifolia</i>)
40.	<i>Mentha pulegium</i>
41.	<i>Mentha</i> spp* (<i>M. crispa</i> , <i>M. piperita</i> ou <i>M. villosa</i>)
42.	<i>Mikania</i> spp* (<i>M. glomerata</i> ou <i>M. laevigata</i>)
43.	<i>Momordica charantia</i>
44.	<i>Morus</i> sp*
45.	<i>Ocimum gratissimum</i>
46.	<i>Orbignya speciosa</i>
47.	<i>Passiflora</i> spp* (<i>P. alata</i> , <i>P. edulis</i> ou <i>P. incarnata</i>)
48.	<i>Persea</i> spp* (<i>P. gratissima</i> ou <i>P. americana</i>)
49.	<i>Petroselinum sativum</i>
50.	<i>Phyllanthus</i> spp* (<i>P. amarus</i> , <i>P. niruri</i> , <i>P. tenellus</i> e <i>P. urinaria</i>)

51.	<i>Plantago major</i>
52.	<i>Plectranthus barbatus</i> = <i>Coleus barbatus</i>
53.	<i>Polygonum</i> spp* (<i>P. acre</i> ou <i>P. hydropiperoides</i>)
54.	<i>Portulaca pilosa</i>
55.	<i>Psidium guajava</i>
56.	<i>Punica granatum</i>
57.	<i>Rhamnus purshiana</i>
58.	<i>Ruta graveolens</i>
59.	<i>Salix alba</i>
60.	<i>Schinus terebinthifolius</i> = <i>Schinus aroeira</i>
61.	<i>Solanum paniculatum</i>
62.	<i>Solidago microglossa</i>
63.	<i>Stryphnodendron adstringens</i> = <i>Stryphnodendron barbatimão</i>
64.	<i>Syzygium</i> spp* (<i>S. jambolanum</i> ou <i>S. cumini</i>)
65.	<i>Tabebuia avellanedae</i>
66.	<i>Tagetes minuta</i>
67.	<i>Trifolium pratense</i>
68.	<i>Uncaria tomentosa</i>
69.	<i>Vernonia condensata</i>
70.	<i>Vernonia</i> spp* (<i>V. ruficoma</i> ou <i>V. polyanthes</i>)
71.	<i>Zingiber officinale</i>
*Definir a(s) espécie(s) com cultivo, estudos e indicação de uso	

Quadro 1. Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS (RENISUS)

Fonte: BRASIL (2009)

Técnicos da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e do Ministério da Saúde selecionaram, por regiões, plantas medicinais com indicações de uso e já utilizadas nos serviços de saúde estaduais e municipais, baseadas no conhecimento tradicional e popular, em estudos químicos e farmacológicos, e de acordo com as categorias do Código Internacional de Doenças (CID-10), (Quadro 1, p. 24); essas espécies têm potencial de avançar nas etapas da cadeia produtiva e de gerar produtos de interesse ao SUS (BRASIL, 2009). A relação de fitoterápicos ofertados no SUS encontram-se representados no Quadro 2, p. 27.

Financiados com recursos da União, Estados e Municípios, os medicamentos podem ser manipulados ou industrializados e devem possuir registro na ANVISA. Os produtos são oferecidos em 14 estados: Acre, Amazonas, Bahia, Espírito Santo, Goiás, Pará, Paraíba, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Sergipe, São Paulo, Tocantins e Distrito Federal. São medicamentos que desempenham um papel importante em cuidados contra dores, inflamações, disfunções e outros incômodos, ampliando as alternativas seguras e eficazes de tratamento pelo SUS (PORTAL PLANALTO, 2012).

RELAÇÃO DE FITOTERÁPICOS OFERTADOS NO SUS		
NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	INDICAÇÃO
Espinheira-santa	<i>Maytenus ilicifolia</i>	Auxilia no tratamento de gastrite e ulcera duodenal e sintomas de dispepsias
Guaco	<i>Mikania glomerata</i>	Apresenta ação expectorante e broncodilatadora
Alcachofra	<i>Cynara scolymus</i>	Tratamento dos sintomas de dispepsia disfuncional (síndrome do desconforto pós-prandial) e de hipercolesterolemia leve a moderada. Apresenta ação colagoga e colerética
Aroeira	<i>Schinus terebinthifolius</i>	Apresenta ação cicatrizante, anti-inflamatória e antisséptica tópica, para uso ginecológico
Cascara-sagrada	<i>Rhamnus purshiana</i>	Auxilia nos casos de obstipação intestinal eventual
Garra-do-diabo	<i>Harpagophytum procumbens</i>	Tratamento da dor lombar baixa aguda e como coadjuvante nos casos de osteoartrite. Apresenta ação anti-inflamatória
Isoflavona-de-soja	<i>Glycine max</i>	Auxilia no alívio dos sintomas do climatério
Unha-de-gato	<i>Uncaria guianensis</i>	Auxilia nos casos de artrites e osteoartrite. Apresenta ação anti-inflamatória e imunomoduladora
Hortelã	<i>Mentha piperita</i>	Tratamento da síndrome do colón irritável. Apresenta ação antiflatulenta e antiespasmódica
Babosa	<i>Aloe vera</i>	Tratamento tópico de queimaduras de primeiro e segundo graus e como coadjuvante nos casos de <i>Psoriase vulgaris</i>
Salgueiro	<i>Salix alba</i>	Tratamento de dor lombar baixa aguda. Apresenta ação anti-inflamatória
Plantago	<i>Plantago ovata</i>	Auxilia nos casos de obstipação intestinal habitual. Tratamento da síndrome do cólon irritável

Quadro 2. Relação de fitoterápicos ofertados no SUS
 Fonte: PORTAL BRASIL, 2012

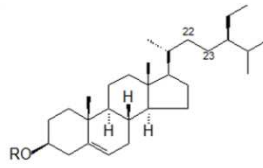
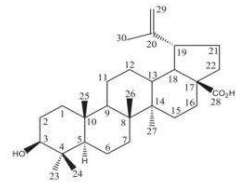
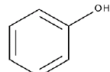
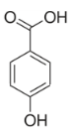
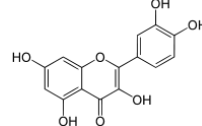
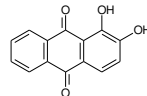
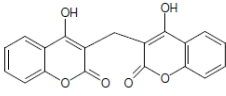
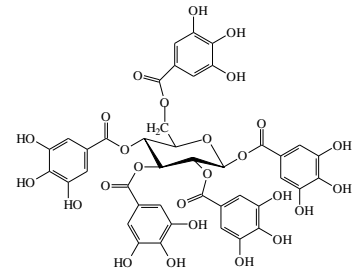
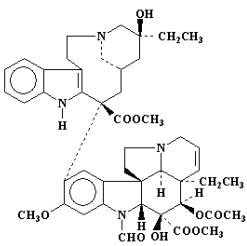
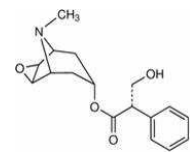
É reconhecido que dados de eficácia e segurança de vários vegetais ainda não são suficientes para dar suporte ao seu uso, por vezes devido à falta de metodologias adequadas de avaliação dessas plantas. E, em se tratando da composição, muitas vezes não se tem estabelecido o princípio ativo ou tóxico, sua concentração e seu conhecimento farmacológico e toxicológico. Portanto, é necessária a determinação da maioria dos constituintes químicos de uma planta para que sejam asseguradas a confiabilidade e repetibilidade dos dados clínicos e farmacológicos, bem como é importante o conhecimento da espécie correta pelo seu nome científico pelos coletores e distribuidores do material, além da existência de técnicas padrão que confirmem a identidade da amostra (SOUZA-MOREIRA; SALGADO; PIETRO, 2010).

3.1.7 Constituintes ativos

As plantas produzem substâncias responsáveis por uma ação farmacológica ou terapêutica que são denominadas de princípios ativos (ANSELMO, 2012). Essas substâncias estão presentes no metabolismo secundário das plantas e podem ser utilizadas no tratamento de diversas doenças. Entretanto, o resultado da resposta biológica varia de acordo com a forma de preparo e a quantidade de princípios ativos presentes (LAMARI; DORNELLAS; SHIBATTA, 2011).

Devido à importância dos vegetais para a química e a medicina moderna, estudos permitiram um rápido desenvolvimento de seus campos específicos e assim, muitas substâncias ativas foram conhecidas e introduzidas na terapêutica (PEREIRA; CARDOSO, 2012).

Os metabólitos secundários possuem importantes funções ecológicas nas plantas, como proteção contra patógenos e herbívoros, além de acúmulo em órgãos específicos ou em certas fases do desenvolvimento, representando menos de 1% do total da massa seca da planta. Aproximadamente 100.000 metabólitos já são conhecidos e cerca de 4.000 são novos, sendo descobertos a cada ano. Os três grupos de metabólitos secundários mais importantes nas plantas são os terpenos, compostos fenólicos e os alcalóides (SANTOS et al., 2013); estes possuem estruturas diferentes e encontram-se representados no Quadro 3, p. 29.

ESTRUTURA BÁSICA E EXEMPLOS DOS PRINCIPAIS GRUPOS DE METABÓLITOS SECUNDÁRIOS					
ESTRUTURA BÁSICA	EXEMPLOS				
 Isopreno	ESTERÓIDES E TERPENOS				
	ESTERÓIDE  R = H Sitosterol		TRITERPENOS PENTACÍCLICO  Ácido betulínico		
 Fenol	COMPOSTOS FENÓLICOS				
	ÁCIDOS FENÓLICOS  Ácido <i>p</i>-hidróxi-benzóico (ácido salicílico)	FLAVONÓIDE  Quercetina	QUINONA  Alizarina	CUMARINA  Dicumarol	TANINO HIDROLISÁVEL  Pentagalolil-β-D-glicose
	ALCALÓIDES				
	ALCALÓIDE INDÓLICO  Vincristina		ALCALÓIDE TROPÂNICO  Escopolamina		

Quadro 3. Estrutura básica e exemplos dos principais grupos de metabólitos secundários

Fonte: Adaptado de BRITO (2014, p. 14)

Os terpenos são constituídos por unidades de isopreno e, por isso, são com frequência também chamados de isoprenóides (BRITO, 2014). Há diversos terpenos e estes apresentam funções variadas nos vegetais. Os monoterpenos e sesquiterpenos são constituintes dos óleos voláteis, sendo que os primeiros atuam na atração de polinizadores. Os sesquiterpenos, em geral, apresentam funções protetoras contra fungos e bactérias, enquanto muitos diterpenóides dão origem aos hormônios de crescimento vegetal. Os triterpenóides e seus derivados, os esteróides, apresentam função protetora contra herbívoros; alguns são antimitóticos e outros atuam na germinação das sementes e na inibição do crescimento da raiz (OOTANI et al., 2013).

Os compostos fenólicos são uma classe química diversificada em estrutura, que têm como principal característica a presença de um ou mais anéis aromáticos, ligados a hidroxilas livres ou substituídas. Porém, essa estrutura básica se complexa de tal forma que permite a formação de milhares de derivados (BRITO, 2014), os quais contribuem para o sabor, odor e coloração de diversos vegetais, são essenciais para o crescimento, reprodução e colaboram também para o aumento da resistência do vegetal diante de situações de estresse, atuando como agentes protetores da ação de predadores e micro-organismos patógenos, de reações oxidativas e da ação da luz UV. Além disso, existe uma série de evidências científicas relacionadas a efeitos benéficos à saúde em razão do consumo de polifenóis, uma vez que esses compostos apresentam atividade antioxidante, anticancerígena, antialérgica, cardioprotetora e anti-inflamatória (ZICKER, 2011).

Os alcalóides (compostos nitrogenados) são sintetizados a partir de aminoácidos alifáticos (quando o precursor é o acetil-CoA) ou aromáticos (quando originados do ácido chiquímico). Esses compostos geralmente possuem átomo ou átomos de nitrogênio ligados a cadeias de hidrocarbonetos cíclicos, formando heterociclos (BRITO, 2014). Representa um grupo bastante conhecido, pois possui ampla atividade farmacológica e, uma de suas propriedades intrínsecas, fundamental para a sua utilização no tratamento de doenças do Sistema Nervoso Central (SNC) é a de ultrapassar a barreira hematoencefálica. Muitos alcalóides são famosos por suas atividades no SNC, podendo apresentar atividade depressiva - morfina, escopolamina ou estimulante - estricnina, cafeína; e periférica (parassimpático - pilocarpina atropina, hiosciamina e simpático - efedrina). Possuindo também atividade anestésica (cocaína), antitumoral (vinblastina, vincristina), antimalárica (quinina), antibacteriana (berberina), entre outras (SOUZA, 2013).

4 METODOLOGIA

4.1 Tipo de Pesquisa

O estudo terá caráter exploratório, descritivo e de campo.

A pesquisa terá início pela fase exploratória, que consiste em uma caracterização do problema, do objeto, dos pressupostos, das teorias e do percurso metodológico. Não resolverá de imediato o problema, mas permitirá caracterizá-lo a partir de uma visão geral, aproximativa do objeto pesquisado (PIANA, 2009). Em seguida, irá descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis, envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados (questionário e observação sistemática) e assume, em geral, a forma de levantamento (MARTINS, 2010).

A pesquisa de campo pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas (PIANA, 2009).

4.2 Local de pesquisa e caracterização do município

A feira livre está localizada na zona urbana do município de Cuité-PB. A cidade faz divisa ao norte com o Estado do Rio Grande do Norte, a leste com os municípios de Cacimba de Dentro, Damião e Barra de Santa Rosa, a oeste com os municípios de Nova Floresta, Picuí e Baraúna, e ao sul com o município de Sossego (NASCIMENTO, 2011).

Cuité (60°28'53,94"S; e 360°08'58,87"W) está localizada na mesorregião do Agreste Paraibano e na microrregião do Curimataú Ocidental do Estado da Paraíba (Figura 1, p. 32). A sede do município dista 235 km da capital do Estado, João Pessoa, e 117 km de Campina Grande, cidade pólo regional, possui bioma da caatinga, altitude de 667 (seiscentos e sessenta e sete) metros e o clima é tropical chuvoso com verão seco (IBGE, 2010).



Figura 1. Localização do município de Cuité-PB
Fonte: Adaptado de IBGE (2010)

4.3 População e amostra

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2014, são estimados, 20.312 habitantes no município, distribuídos em área territorial de 741,840 km², e com densidade demográfica 26,93 habitantes/km² (IBGE, 2010). Desses habitantes vão ser estudados os raizeiros que comercializam plantas medicinais na feira livre no município de Cuité-PB.

4.4 Critérios de inclusão

A pesquisa incluirá todos os raizeiros do Município de Cuité que aceitem participar das entrevistas em concordância com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (APÊNDICE C, p. 62).

4.5 Critérios de exclusão

Serão excluídos da pesquisa aqueles que se recusarem a participar e não assinarem o TCLE (APÊNDICE C, p. 62) ou possuírem alguma limitação cognitiva.

4.6 Procedimento realizado durante a pesquisa

O trabalho de campo foi realizado, no período de julho a agosto de 2014, realizando entrevistas com aplicação de questionários semiestruturados previamente elaborado, contendo informações sobre plantas, tais como: nomenclatura vulgar, forma de utilização, parte utilizada e indicação terapêutica, conforme apresentado no APÊNDICE D, p. 63, aos raizeiros do município de Cuité.

As pessoas foram entrevistadas seguindo-se um roteiro de perguntas contidas no questionário e as informações obtidas foram organizadas, para cada planta, incluindo-se: números de citações, família, nome vulgar, nome científico, parte utilizada, modo de utilização e indicação terapêutica das plantas medicinais.

4.7 Análise dos dados

A análise será realizada através da compilação dos dados obtidos pelos questionários aplicados, durante as entrevistas, e comparação com a literatura, fazendo uso de valores em porcentagem, sempre que cabível.

4.8 Aspectos éticos

O desenvolvimento deste trabalho foi previamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Alcides Carneiro (HUAC) de Campina Grande - PB sendo realizado conforme as diretrizes e normas regulamentares de pesquisa envolvendo seres humanos da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. CAAE: 12129713.4.0000.5182 (ANEXO A, p. 64).

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, para a realização do trabalho, fez-se o reconhecimento do comércio de plantas medicinais no município de Cuité-PB, sendo possível detectar a existência de oito raizeiros, onde todos concordaram em participar da pesquisa, assinando o TCLE (APÊNDICE C, p. 62). As entrevistas foram guiadas por meio de um questionário semiestruturado (APÊNDICE D, p. 63) e realizadas entre os meses de julho a agosto de 2014, no horário da feira livre deste município, que ocorre geralmente às segundas-feiras, no período diurno, estendendo-se até o fim da tarde. Duravam em média 60 minutos, dependendo do número de plantas comercializadas.

Esta feira livre surgiu da necessidade das pessoas residentes na zona rural, na maioria pequenos produtores agrícolas e pescadores, trocarem seus produtos por “coisas” diferentes, reforçando a noção econômica de equivalência entre os objetos. Possuindo, assim, importância econômica, além de representar o lugar onde se expressa a tradição popular. Para tanto, o Velho Mercado Público da referida cidade foi construído, na bifurcação das ruas 15 de Novembro e Getúlio Vargas, no Centro da cidade, em 1925, e vem servindo por longos anos de abastecimento de diversas variedades de especiarias para toda a população local (NASCIMENTO, 2011).

As feiras livres e os mercados constituem um espaço privilegiado de expressão da cultura de um povo no que toca ao seu patrimônio etnobotânico, uma vez que um grande número de informações encontra-se lá, disponível, de forma centralizada, subjacente a um ambiente de trocas culturais intensas (ANSELMO, 2012).

A partir da análise dos questionários foram obtidos dados como gênero e idade dos entrevistados, além de nomenclatura vulgar, forma de utilização, parte utilizada e indicação terapêutica das plantas medicinais comercializadas.

5.1 Perfil dos entrevistados

Dentre os entrevistados, o gênero masculino prevaleceu, representando 62,5%. No tocante à idade, a maioria (50%) encontrava-se na faixa de 40-60 anos, como é possível observar na Figura 2, p. 35.

De acordo com Quinteiro (2008), estudos anteriores, semelhantes a este, demonstraram que a idade dos informantes se concentrava acima dos cinquenta anos, em diferentes partes do Brasil. Dessa forma, observa-se que os indivíduos jovens nessas comunidades vêm se interessando menos ou se interessam tardiamente pelo conhecimento etnobotânico. Isso ocorre também por causa dos meios modernos de comunicação, pois os mesmos ocasionam a perda da transmissão oral do conhecimento sobre o uso de plantas, reforçando a importância de trabalhos que resgatem o conhecimento etnofarmacológico da população mais velha, bem como a necessidade de conscientizar a população mais jovem com relação a esse tipo de informação (BRASILEIRO et al., 2008).

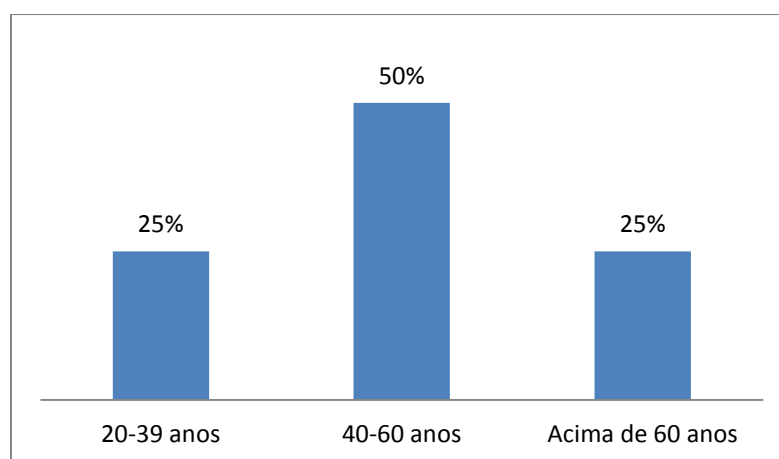


Figura 2. Distribuição percentual dos entrevistados quanto à idade
Fonte: Dados da pesquisa

5.2 Caracterização das espécies vegetais comercializadas

A pesquisa permitiu registrar a comercialização 64 plantas medicinais reconhecidas em 61 espécies vegetais, agrupadas em 35 famílias botânicas, sendo organizadas no Quadro 4, p. 36 a seguir, conforme o número de citação, nome da família, nome vulgar, nome da espécie vegetal, forma de utilização, parte utilizada e indicação terapêutica do vegetal. Fez-se ainda a comparação entre as informações relatadas pelos raizeiros com as descritas na literatura, para observar possíveis correlações ou ausência destas.

COMPARAÇÃO DE INFORMAÇÕES SOBRE AS ESPÉCIES MEDICINAIS COMERCIALIZADAS PELOS RAIZEIROS NA FEIRA LIVRE, NO MUNICÍPIO DE CUITÉ-PB, COM AQUELAS RELATADAS NA LITERATURA								
NÚMERO DE CITAÇÕES	FAMÍLIA	NOMENCLATURA VULGAR/ NOME CIENTÍFICO	FORMA DE UTILIZAÇÃO		PARTE UTILIZADA		INDICAÇÃO TERAPÊUTICA	
			Raizeiro	Literatura	Raizeiro	Literatura	Raizeiro	Literatura
6	Adoxaceae	Sabugueiro/ <i>Sambucus australis</i> Cham. & Schlidl	Chá	Decocto; infuso; gargarejo; tintura; xarope; compressa; cataplasma	Flor; folha	Flor; folha; casca; raiz	Tratar febre; diminuir a pressão; calmante; gripe	Antipirética; antisséptica; diurética; cicatrizante; anti-inflamatória (LORENZI E MATOS, 2002)
1	Amaryllidaceae	Cebola branca/ <i>Allium cepa</i> L.	Chá; lambedor	Não encontrada na literatura	Bulbo	Bulbo	Garganta; gripe	Atividade antifúngica (LANZOTTI et al., 2012)
1	Anacardiaceae	Aroeira-do-sertão/ <i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Macerado	Decocto; tintura; macerado; banho; gargarejo; compressa; vinho medicinal	Casca	Entrecasca	Tratar inflamação	Anti-inflamatória; cicatrizante; adstringente (MATOS, 2007; DANTAS, 2007)
1		Cajueiro roxo/ <i>Anacardium occidentale</i> L.	Banho; temperar bebidas	Decocto	Casca	Entrecasca	Cicatrizante; temperar bebidas	Cicatrizante; anti-inflamatória; adstringente, antidiarreica antisséptica, (LIMA et al., 2006; LORENZI E MATOS, 2002; DANTAS, 2007)
4	Annonaceae	Embira/ <i>Xylopia frutescens</i> Aubl.	Chá; garrafada	Tintura; infuso	Semente	Fruto seco com semente e casca	Empachamento; cólica; dores	Excitante; carminativa; afrodisíaca; estomacal; digestiva (LORENZI E MATOS, 2002; DANTAS, 2007)
4	Apiaceae	Coentro verde/ <i>Coriandrum sativum</i> L.	Chá; comida	Infuso; extrato alcoólico; tintura	Semente; folha	Folhas; frutos; sementes	Enxaqueca; labirintite; comida (tempero)	Condimento; digestão difícil; gases intestinais; fermentação excessiva; cólicas gastrointestinais; atividade antioxidante; hepatoprotetora; antimicrobiana (LORENZI E MATOS, 2002; SAMOJLIK et al., 2010; BEGNAMI et al., 2010; DANTAS, 2007)
1		Coentro vermelho ou de touceira/ <i>Coriandrum sativum</i> L.	Chá	Condimento; infuso; extrato alcoólico	Semente	Folha; fruto; semente	Enxaqueca	Antioxidante; hepatoprotetora; sudorífica; hemostática; carminativa; condimento (SAMOJLIK, 2010; LORENZI E MATOS, 2002; DANTAS, 2007)
2		Cuminho/ <i>Cuminum cyminum</i> L.	Comida	Infuso; extrato fluido; xarope; pó	Semente; folha; fruto	Raiz; caule; folha; flor	Comida (tempero)	Condimento; atividade antioxidante; antibacteriana; digestiva; antidiarreico; antialérgico; galactogogo; carminativo; diurético (BETTAIEB et al. 2010; PAJOHI et al., 2011; DANTAS, 2007)
8		Endro/ <i>Anethum graveolens</i> L.	Chá	Infuso	Semente	Fruto; semente	Alimento; digestão	Antiespasmódica; carminativa; estomáquica; digestiva (DANTAS, 2007)
8		Erva doce/ <i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Chá; comida	Infuso; decocto; planta seca; pó; tintura	Semente; folha	Fruto; semente; flor	Para tomar; comida (chá, doce, bolo); calmante; enxaqueca; dor de cabeça	Calmante; antiespasmódica; estomáquica; carminativa, estimula a lactação (LIMA et al, 2006)

COMPARAÇÃO DE INFORMAÇÕES SOBRE AS ESPÉCIES MEDICINAIS COMERCIALIZADAS PELOS RAIZEIROS NA FEIRA LIVRE, NO MUNICÍPIO DE CUITÉ-PB, COM AQUELAS RELATADAS NA LITERATURA								
8	Asteraceae	Camomila/ <i>Matricaria recutita</i> L.	Chá	Infuso; tintura	Semente; folha; flor; fruto	Flor	Diminuir pressão arterial; calmante	Hipnótica; antiespasmódica; anti-inflamatória; calmante (SAAD et al, 2009; DANTAS, 2007)
1		Carqueja/ <i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC.	Chá	Infuso; decocto; tintura; extrato fluido	Folha	Folha	Emagrecer	Dispepsia; hepatoprotetora; colagoga; anti-helmíntica; antibacteriana; diurética; hipotensora (BRASIL, 2010; DANTAS, 2007)
5		Macela/ <i>Egletes viscosa</i> (L.) Less.	Chá	Infuso; tintura	Fruto; semente; casca	Flor; semente	Antidiarreica; empachamento	Estomáquica; antiespasmódica; carminativa; irregularidades menstruais; antiviral; anti-inflamatória; antidiarreica (LORENZI E MATOS, 2002)
1	Bignoniaceae	Podaico/ <i>Tabebuia avellanedae</i> (Lor.) ex Griseb.	Chá; macerado; garrafada	Extrato aquoso; decocto; banho	Casca	Casca e entrecasca	Não soube informar	Ação antitumoral; atividade antineoplásica; antimicrobiana; anticoagulante; anti-inflamatória (LORENZI E MATOS, 2002)
1	Brassicaceae	Mostarda amarela/ <i>Brassica alba</i>	Inteira (in natura)	Cataplasma	Semente	Semente	Emagrecer	Dores nas costas; estados congestivos de pulmão; dores nas articulações e outras inflamações localizadas; ação antimicrobiana (MATOS, 2002; LORENZI E MATOS, 2002)
1		Mostarda marrom/ <i>Brassica integrifolia</i> G. E. Schulz.	Inteira (in natura)	Cataplasma	Semente	Semente	Emagrecer	Antibacteriana; digestiva; diurética; emética; rubefaciente; analgésica; vesicante; revulsivo; necrotizante (DANTAS, 2007)
1	Celastraceae	Bom nome/ <i>Maytenus rigida</i> Mart.	Macerado	Decocto; garrafada	Casca	Casca; raiz	Tratar os rins	Atividade antimicrobiana; antiespasmódica; anti-inflamatória; antiulcerogênica; antidiarreica (SANTOS et al., 2011; ROCHA et al., 2012; SANTOS et al., 2007; DANTAS, 2007)
2	Convolvulaceae	Batata-de-purga/ <i>Operculina macrocarpa</i> L.	Uso para animal: pó da batata-de-purga (comida)	Uso para humanos: Tintura	Semente; batata (tubérculo)	Tubérculos; resina	Uso para animal: estimulante do apetite do animal e vermífugo; houve ausência de relato para uso humano	Uso para humanos: purgativa drástica ou laxante; vermífuga (MATOS, 2002)
1	Crassulaceae	Courama/ <i>Bryophyllum pinnatum</i> Lam.	Suco (faz o suco da folha, passa no liquidificador com leite e toma)	Infuso; sumo; xarope	Folha	Folha	Gastrite	Antialérgica; antiúlcera (LORENZI E MATOS, 2002)
1	Crisobalanaceae	Oitica/ <i>Licania rigida</i> Benth.	Chá	Infuso; decocto	Casca	Semente; folha	Diminuir a pressão	Antirreumática, antidiabética, hipoglicemiante, diurético, secativa; emagrecedor (DANTAS, 2007)
1	Curcubitaceae	Cabacinha/ <i>Luffa operculata</i> (L.) Cogn.	Chá	Infuso; decocto; inalação	Semente	Frutos	Sinusite; aborto	Sinusite; embriotóxica (LORENZI E MATOS, 2002)
1		Cabeça-de-negro/ <i>Cayaponia tayuya</i> (Vell.) Cong.	Macerado	Decocto	Raiz	Raiz	Não soube informar	Reumatismo; nevralgias; dispepsia; erisipela; dermatoses; eczemas; úlceras; herpes; furúnculos (LORENZI E MATOS, 2002; DANTAS, 2007)

COMPARAÇÃO DE INFORMAÇÕES SOBRE AS ESPÉCIES MEDICINAIS COMERCIALIZADAS PELOS RAIZEIROS NA FEIRA LIVRE, NO MUNICÍPIO DE CUITÉ-PB, COM AQUELAS RELATADAS NA LITERATURA							
1	Euphorbiaceae	Quebra-pedra/ <i>Phyllanthus niruri</i> L.	Chá	Infuso; decocto; extrato fluido; tintura	Folha; raiz	Partes aéreas; raízes; ou toda a planta	Pedra nos rins Litíase renal; antiespasmódica; relaxante muscular (BRASIL, 2010; MATOS, 2002; DANTAS, 2007)
1		Urtiga branca/ <i>Cnidoscolus urens</i> (L.) Arthur.	Chá	Decocto; tintura; xarope	Raiz	Raiz; seiva	Tratar inflamação Anti-inflamatória; emenagoga; hemostática; antissifilítica; anti-herpética (DANTAS, 2007)
2	Fabaceae	Angico/ <i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Benan	Lambedor; garrafada (faz a garrafada, usa o angico junto com canela, semente de sucupira, cravo, anis estrelado e alecrim)	Decocto; tintura; extrato; xarope; elixir; vinho; garrafada; banho; gargarejo	Casca	Casca	Tratar tosse; diminuir o catarro; tratar inflamação Tosse; adstringente; depurativa; hemostática; bronquite; coqueluche; problemas respiratórios (LORENZI E MATOS, 2002)
1		Barbatimão/ <i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Banho	Decocto; compressa; tintura	Casca	Casca	Cicatrizante Cicatrizante; anti-inflamatória; adstringente; antidiarreica (LORENZI E MATOS, 2002; DANTAS, 2007)
1		Brejuí/ <i>Myroxylon peruiferum</i> L. F.	Macerado	Não encontrada na literatura	Casca	Não encontrada na literatura	Defumador Anestésico para questões urinária, tosse, bronquite, diabetes; atua contra as micobactérias <i>Helicobacter pylori</i> , <i>Streptococcus pyogenes</i> , <i>Shigella sonnei</i> e <i>Staphylococcus aureus</i> (SCHWARCZ et al., 2014)
3		Cumaru/ <i>Amburana cearenses</i> (Allemao) A. C. Smith	Chá; banho; garrafada; massagem; lambedor; macerado	Decocto; xarope; tintura; extrato fluido	Casca	Casca; semente	Estalecido; ferimentos; gripe; dor de dente; sinusite Tratamento de bronquite; asma; gripe; resfriado; reumatismo (LORENZI E MATOS, 2002)
1		Mulungu/ <i>Erythrina verna</i> Vell.	Chá; macerado	Infuso; decocto; extrato fluido; tintura	Casca	Casca	Calmante Ansiolítica; síndrome do pânico; anticonvulsivante; analgésica; antinociceptiva; antibacteriana (SAAD et al., 2009)
6		Sena/ <i>Senna alexandrina</i> Mill.	Chá	Infuso; tintura	Folha	Fruto; folha; folíolos	Favorecer a digestão; tratar tosse; gases; diurético; vermífugo; emagrecedor Constipação intestinal; hemorroida; purgativa; laxativa (BRASIL, 2010; SAAD et al., 2009; DANTAS, 2007)
2		Mororó/ <i>Bauhinia cheilanta</i> (Bong.) Steud.	Macerado	Infuso; pó	Casca	Folha; flor; raiz; casca do tronco	Diabetes Hipoglicemiante; antidiabética; hipocolesteremiante (DANTAS, 2007)
1	Fabaceae/ Caesalpinioidaeae	Jucá/ <i>Caesalpinia ferrea</i> Mart. Ex Tul.	Garrafada	Decocto; suco; lambedor; cataplasma; extrato fluido	Vagem (fruto)	Casca; raiz; folha; fruto	Não soube informar Adstringente; hemostático; cicatrizante; antisséptico; tosse; fortificante (BRASIL, 2010; DANTAS, 2007)
2		Jatobá/ <i>Hymenaea courbaril</i> L.	Lambedor; macerado	Decocto; extrato fluido; tintura; elixir; lambedor	Casca	Casca; folha; fruto	Expectorante; tosse Expectorante; adstringente; fortificante dos nervos; antidiarreica (DANTAS, 2007)

COMPARAÇÃO DE INFORMAÇÕES SOBRE AS ESPÉCIES MEDICINAIS COMERCIALIZADAS PELOS RAIZEIROS NA FEIRA LIVRE, NO MUNICÍPIO DE CUITÉ-PB, COM AQUELAS RELATADAS NA LITERATURA								
6	Lamiceae	Alecrim/ <i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Chá; comida	Infuso; tintura	Talo; folha	Folha	Problemas no coração; calmante; só para tomar (como alimento); clarear o cabelo	Hipertensiva; antiespasmódica; estomáquica; carminativa; hepatoprotetora; tratamento de colecistite (SAAD et al., 2009)
6		Alfazema/ <i>Hyptis suaveolens</i> (L.) Poit.	Chá; Incenso	Infuso	Semente; folha; flor	Folha flor	Tratar mulher em período pós-parto; gases; como incenso	Antiespasmódica; estomáquica; febrífuga; tratamento da gota; problemas respiratórios em geral (LORENZI E MATOS, 2002)
8		Boldo do Chile/ <i>Peumus boldus</i> Molina	Chá	Infuso	Folha	Folha	Tratar problemas no intestino e só para tomar (como alimento)	Tratamento de hepatite, colecistite, litíase biliar, estomáquica, antiespasmódica; estimulante de secreções gástricas (SAAD et al., 2009; MATOS, 2002)
1		Hortelã-da-folha-grossa/ <i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Chá; lambedor	Xarope; sumo; balas; pirulito	Folha	Folha	Tosse; gripe	Anti-inflamatória; tratamento de afecções respiratórias (tosse, bronquite, rouquidão); antisséptico bucal; tratamento de feridas; antiepiléptica (LORENZI E MATOS, 2002; MATOS, 2007)
1		Hortelã-da-folha-miúda/ <i>Mentha x villosa</i> Huds	Chá	Infuso; tintura; pó; folhas frescas	Folha	Folha; flor	Tosse	Espasmolítica; antiemética; carminativa; estomáquica; vermífuga; antisséptica; anti-pruriginosa; resfriado; gripe (LORENZI E MATOS, 2002; MATOS, 2007; SAAD, 2009; DANTAS, 2007)
2	Lauraceae	Orégano/ <i>Origanum vulgare</i> L.	Comida	Infuso; decocto; compressa; maceração; alcoolatura; xarope	Não soube informar	Folha	Comida; baixar o colesterol	Gripe; resfriado; indigestão; flatulência; distúrbios estomacais; cólicas menstruais; culinária (LORENZI E MATOS, 2002)
8		Canela/ <i>Cinnamomum zeylanicum</i> Blume.	Chá; comida	Infuso; decocto; tintura; extrato fluido; xarope	Folha; casca	Folha; casca	Só para tomar (como alimento); tratar problemas no coração e gastrite	Adstringente; estomáquica; carminativa; emenagoga; estimulante do SNC; antidiabética; antioxidante (SAAD et al. 2009; BABU; PRABUSEENIVASAN; IGNACIMUTHU, 2007; MORAIS et al., 2009; DANTAS, 2007)
1		Louro/ <i>Laurus nobilis</i> L.	Comida	Infuso; compressa; banho; extrato fluido; tintura; xarope	Folha	Folha	Comida (feijoada)	Condimento; espasmolítica; carminativa; antirreumática; antigripal; antisséptica local (caspas, piolhos e fungos); estimulante do apetite e da digestão; tratamento de dispepsia; anorexia; distúrbios gastrintestinais; antioxidante (LORENZI E MATOS, 2002; MORAIS et al., 2009)
4		Sucupira/ <i>Bowdichia virgilioides</i> H. B. K.	Garrafada; chá; toma a semente com o biotônico fontoura ou no vinho branco	Decocto; infuso; tintura; elixir; vinho; xarope	Semente	Semente; casca	Crise de garganta; inflamação; infecção; dor nos ossos; dor na coluna; fastio	Antidiabética; antirreumática; antiparasitária; anti-inflamatória; analgésica (DANTAS, 2007)

COMPARAÇÃO DE INFORMAÇÕES SOBRE AS ESPÉCIES MEDICINAIS COMERCIALIZADAS PELOS RAIZEIROS NA FEIRA LIVRE, NO MUNICÍPIO DE CUITÉ-PB, COM AQUELAS RELATADAS NA LITERATURA								
1	Liliaceae	Alho/ <i>Allium sativum</i> L.	Come o alho inteiro, junto com a banana	Infuso; bulbo fresco; tintura; macerado; xarope	Bulbo	Bulbo	Vermes; condimento; problemas no coração; gripe	Anti-hipertensiva; antipirética; antimicrobiana; antifúngica; antitrombótica; antiplaquetária; anti-hiperglicemiante; carminativa (SAAD et al, 2009; SOUSA et al., 2004)
3	Lythraceae	Romã/ <i>Punica Granatum</i> L.	Chá; garrafada; gargarejo; lambedor	Infuso; decocto; pastilha; suco	Casca; raiz, folha; flor; semente	Pericarpo do fruto; cascas do caule; raiz; sementes	Garganta; inflamação	Tratamento de faringite; amigdalite; afta; gengivite; antidiarreica; antiespasmódica; adstringente; vermífuga (teníase, ascariíase e entereobíase); anti-inflamatório; antisséptico (SAAD et al., 2009; BRASIL, 2010; DANTAS, 2007)
1	Malvaceae	Barriguda-de-espinho/ <i>Ceiba glaziovii</i> (Kunt) K. Schum.	Macerado	Decocto	Casca	Casca	Hérnia	Anti-inflamatória (DANTAS, 2007)
1	Malvaceae/ Bombacoideae	Ubiratan/ <i>Bombax coriaceum</i> Mart.	Garrafada	Decocto; macerado	Casca	Casca	Dores de coluna	Cicatrizante; hepático; anti-inflamatório; antidiarreico (DANTAS, 2007)
4	Myrtaceae	Cravo da Índia/ <i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Mert. et Perry	Chá; comida	Tintura; infuso; decocto; extrato fluido	Fruto; semente; flor	Flores; botões florais (folha e talo)	Comida (condimento e bolos); queda de cabelo	Antisséptico; antifúngico; antibacteriano; parasicida; antiviral; antimitótico; anti-inflamatório; analgésico local (SAAD et al, 2009)
3		Eucalipto/ <i>Eucalyptus citriodora</i> Hook	Chá; inalação; incenso	Infuso	Folha	Folha	Febre; gripe; sinusite; incenso; desinfetante	Expectorante; fluidificante; antisséptica (MATOS, 2007)
1	Não encontrada na Literatura	Maraponga/ Não encontrada na literatura	Garrafada	Não encontrada na literatura	Casca	Não encontrada na literatura	Não soube informar	Não encontrada na literatura
2	Olacaceae	Ameixa/ <i>Ximenia americana</i> L.	Macerado; emplastro (faz o emplastro, se mistura o pó da casca com óleo de coco e é usado para ferida); banho	Decocto; macerado; garrafada; tintura	Casca	Casca; fruto	Cicatrizante	Anti-inflamatória; adstringente; cicatrizante (MATOS, 2007; DANTAS, 2007)
2	Pedaliaceae	Gergelim branco/ <i>Sesamum indicum</i> DC.	Óleo; grão na comida	Óleo, infuso ou decocto	Semente	Semente	Comida (óleos e farinha) - o óleo serve para trombose; dor nos ossos	Diabetes; dislipidemias; síndrome climatérica; constipação intestinal; culinária (SAAD et al., 2009; DANTAS, 2007)
2		Gergelim preto/ <i>Sesamum indicum</i> DC.	Óleo; grão na comida	Óleo, infuso ou decocto	Semente	Semente	Comida (óleos e farinha) - o óleo serve para trombose; dor nos ossos	Diabetes; dislipidemias; síndrome climatérica; constipação intestinal; culinária (SAAD et al., 2009; DANTAS, 2007)

COMPARAÇÃO DE INFORMAÇÕES SOBRE AS ESPÉCIES MEDICINAIS COMERCIALIZADAS PELOS RAIZEIROS NA FEIRA LIVRE, NO MUNICÍPIO DE CUITÉ-PB, COM AQUELAS RELATADAS NA LITERATURA								
1	Piperaceae	Pimenta-dalha/ <i>Piper tuberculatum</i> Jacq	Chá; garrafada	Infuso; decocto	Vagem (fruto)	Folha; raiz; fruto	Dor; ameiba	Analgésica; tônica; carminativa; antiespasmódica; estomáquica; antifúngica (LORENZI E MATOS, 2002; DANTAS, 2007)
1		Pimenta-do-reino/ <i>Piper nigrum</i> L.	Comida	Infuso	Semente	Raiz	Não soube informar	Anti-hepatotóxica; antioxidante; antirreumática (BAI et al., 2011; DANTAS, 2007)
1	Poaceae	Capim santo/ <i>Cymbopogon citratus</i> (D C.) Stapf.	Chá	Infuso; suco; tintura	Folha	Folha	Não soube informar	Ansiofítica; antiespasmódica; antimicrobiana; aromatizante; analgésica; hipotensora; expectorante; descongestionante das vias respiratórias (LORENZI E MATOS, 2002; SAAD, 2009; DANTAS, 2007)
1	Rubiaceae	Quina-quina/ <i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K. Schum.	Macerado	Decocto; infuso; inalação	Casca	Folha; casca	Baixar as taxas de colesterol e diabetes	Utilizada para cálculos biliares; anti-inflamatória (LORENZI E MATOS, 2002; DANTAS, 2007)
1	Rutaceae	Arruda/ <i>Ruta graveolens</i> L.	Chá	Infuso; sumo	Folha	Folha	Cólicas menstruais	Analgésica; anti-hemorragica; anti-inflamatória; anti-helmíntica; febrífuga; emenagoga (LORENZI E MATOS, 2002; DANTAS, 2007)
1	Sapotaceae	Quixabeira/ <i>Sideroxylon</i> <i>obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) T. D. Penn.	Macerado	Decocto; macerado; garrafada; tintura	Casca	Casca	Não soube informar	Anti-inflamatória; hipoglicemiante (LORENZI E MATOS, 2002; DANTAS, 2007)
4	Schisandraceae	Anis estrelado/ <i>Illicium verum</i> Hook. f.	Chá; fruto (in natura)	Infuso; lambedor; extrato seco	Fruto; flor; semente; folha; casca	Fruto	Dor no estomago; má digestão	Estomacal; carminativo; antidispeptico expectorante (BRASIL, 2010; DANTAS, 2007)
5	Theaceae	Chá preto/ <i>Camellia sinensis</i> L.	Chá	Infuso	Folha	Folha	Só para tomar (como alimento); limpar o intestino do recém- nascido; tratar fastio; diminuir colesterol	Hipolipidêmica; anti-inflamatória; antiulcerogênica; antidiarreica; estimulante do SNC (LORENZI E MATOS, 2002)
2		Chá verde/ <i>Camellia sinensis</i> L.	Chá	Infuso	Folha	Folha	Emagrecer; só para tomar (como alimento)	Anti-inflamatória; antiulcerogênica; hipolipidêmica; antidiarreica; estimulante do SNC; antioxidante; anticancerígeno; dislipidemias; fadiga crônica; obesidade (LORENZI E MATOS, 2002; SAAD, 2009)
2	Verbenaceae	Erva cidreira/ <i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Brown	Chá	Infuso	Folha	Folha	Calmante; alimento	Sedativa; antiespasmódica; ansiolítica; analgésica; calmante (SAAD et al., 2009; DANTAS, 2007)
2	Violaceae	Papaconha/ <i>Hybanthus calceolaria</i> L.	Chá; garrafada; lambedor	Xarope; decocto; infuso; alcoolatura	Raiz; casca	Raiz	Emagrecer; inflamação	Doenças do aparelho respiratório (gripe, tosse, bronquite); antidiarreica (MATOS, 2007; LORENZI E MATOS, 2002)
3	Zingiberaceae	Gengibre/ <i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Chá; suco; mastigar (in natura)	Decocto; infuso; cataplasma; tintura; xarope; extrato fluido	Folha; raiz; semente	Rizoma; casca	Emagrecer; Rouquidão; temperar bebidas; inflamação na garganta; condimento	Antimicrobiana (rouquidão e inflamações na garganta); anti-inflamatória; antirreumática; antinauseante; aperiente; estomáquica; (LORENZI E MATOS, 2002; DANTAS, 2007)

Quadro 4. Comparação de informações sobre as espécies medicinais comercializadas pelos raizeiros na feira livre, no município de Cuité-PB, com aquelas relatadas na literatura

O reconhecimento de apenas 61 espécies deve-se ao fato de o gergelim branco e o gergelim preto, o chá-preto e o chá-verde, e o coentro verde e o coentro vermelho ou de touceira corresponderem à mesma espécie, *Sesamum indicum* DC., *Camellia sinensis* L. e *Coriandrum sativum* L., respectivamente.

O gergelim (*Sesamum indicum* DC.) apresenta duas variedades bastante comum, a branca e a preta. A branca é mais rica em óleo, mas a preta é mais utilizada como medicinal (SAAD et al., 2009); já a *Camellia sinensis* L., a diferença entre as plantas medicinais dessa espécie se justifica pelo processo de aquisição. O chá-verde é obtido por estabilização da droga após processo de coleta, enquanto o chá-preto (mais aromático) é obtido após passar por fermentação e secagem, tornando-se mais escuro pela oxidação sofrida por seus constituintes químicos (SIMÕES et al., 2010).

As famílias botânicas mais representativas neste trabalho foram: Fabaceae (9), Lamiaceae (6), Apiaceae (5) e Asteraceae (3), conforme se observa na Figura 3, p. 42.

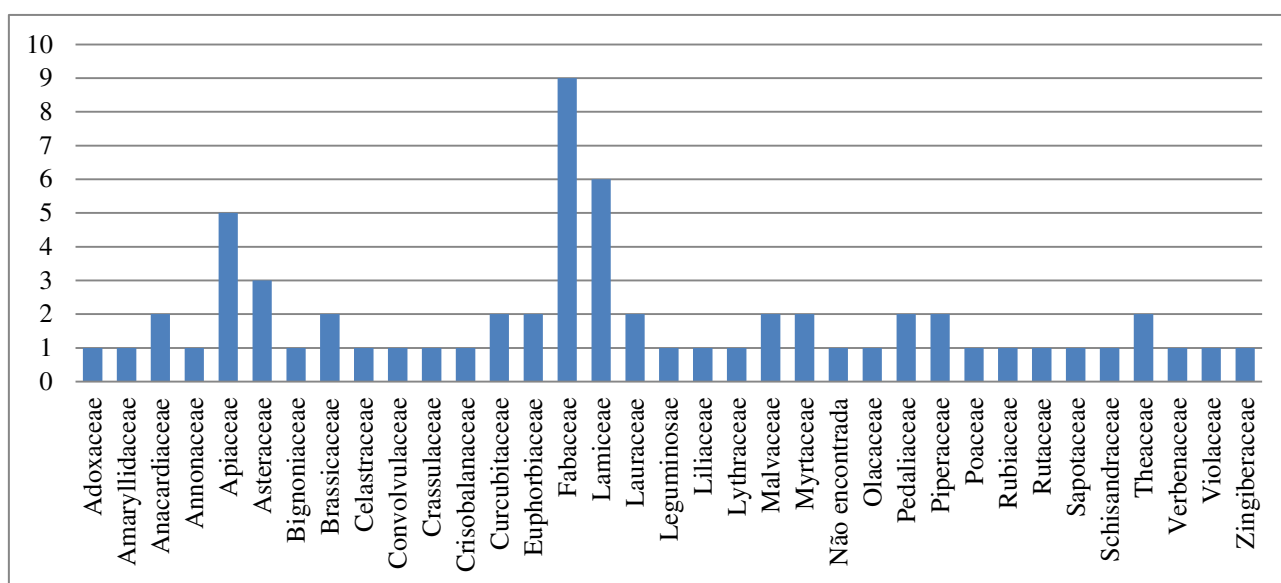


Figura 3. Distribuição numérica das espécies vegetais comercializadas quanto à família

Fonte: Dados da pesquisa

A identificação botânica das espécies comercializadas foi dificultada pelo fato das mesmas encontrarem-se secas e seccionadas, dificultando tal procedimento. Os nomes científicos, bem como as famílias, foram atribuídos através da comparação com a literatura científica, tomando por base as espécies prevalentes na região do Curimataú paraibano ou no Nordeste. Apesar deste processo não consistir um meio confiável de identificação, na maioria das vezes, as espécies correspondem ao que está registrado na literatura, por tratarem-se de plantas com tradicionalidade de uso, bastante conhecidas e divulgadas.

O Quadro 5 (p. 43) demonstra os locais de aquisição das espécies vegetais comercializadas pelos raizeiros, no Município investigado:

LOCAIS DE AQUISIÇÃO DAS PLANTAS MEDICINAIS POR RAIZEIROS QUE COMERCIALIZAM PLANTAS EM CUITÉ-PB	
LOCAIS	QUANTIDADE DE RAIZEIROS
Compradas em um revendedor em Campina Grande	1
Parte é adquirida “no mato” ou no comércio da cidade de Cuité	1
Nos vizinhos de “banco”, na própria cidade de Cuité	2
Armazém em Esperança-PB (Esperança temperos)	3
CEASA, Campina Grande-PB	1

Quadro 5. Locais de aquisição das plantas medicinais por raizeiros que comercializam plantas em Cuité-PB
Fonte: Dados da pesquisa

Ao analisar o quadro anterior é comum achar que as plantas são encontradas em sua totalidade no Estado da Paraíba, contudo esses dados não demonstram um resultado fidedigno em relação a esta questão, tendo em vista que plantas adquiridas de atravessadores podem, muitas vezes, vir de Estados vizinhos ou mais longínquos. Todavia, é comum que a maioria das espécies faça parte do bioma da região.

Durante a entrevista foram observadas plantas que são difíceis de serem encontradas. Os raizeiros declararam que algumas espécies, como o gengibre (*Zingiber officinale* Roscoe), bom nome (*Maytenus rigida* Mart.) e a quixabeira (*Sideroxylon obtusifolium* (Roem. & Schult.) T. D. Penn.), estão “sumindo”, havendo maior dificuldade em encontrá-las, não especificando o motivo. Porém, fatores como a seca e diferentes locais em que se é adquirido a planta medicinal também influencia na não comercialização das plantas em todas as épocas do ano, como acontece com o barbatimão (*Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville), por exemplo; segundo os raizeiros esta espécie é adquirida no estado de Pernambuco para posteriormente ser comercializado na cidade de Cuité-PB.

Além disso, as espécies cumaru (*Amburana cearensis* (All.) A. C. Sm.), sucupira (*Bowdichia virgilioides* Kunt), aroeira-do-sertão (*Myracrodruon urundeuva* Allemão) e quixabeira (*Sideroxylon obtusifolium* (Humb. ex Roem. e Schult.) T. D. Penn.) estão presentes na lista de espécies ameaçadas de extinção, se configurando numa categoria vulnerável e, portanto, merecendo uma atenção mais urgente quanto a sua conservação (SANTOS, 2014). Merece destaque, ainda, o brejuí (*Myroxylon peruiferum* L. F.), cuja exploração excessiva de sua madeira tem provocado um número reduzido de indivíduos desta espécie, fazendo com

que ele seja incluído na lista de espécies ameaçadas do Estado de São Paulo (SCHWARCZ et al., 2014).

Dentre as plantas medicinais mais indicadas, destacou-se: boldo do chile (*Peumus boldus* Molina), camomila (*Matricaria recutita* L.), canela (*Cinnamomum zeylanicum* Blume.), endro (*Anethum graveolens* L.) e erva-doce (*Foeniculum vulgare* Mill.), comercializadas por todos os raizeiros (Quadro 4, p. 36). Essas correspondem às espécies que apresentam maior fluxo de venda entre os raizeiros e a comunidade, permitindo reconhecer indiretamente as patologias prevalentes no referido município, destacando-se principalmente problemas relacionados ao sistema digestório (má-digestão, dores estomacais) e SNC (insônia, ansiedade).

5.2.1 Formas de utilização

Durante as entrevistas, foram identificadas diferentes formas de uso das plantas medicinais: chá, alimento, condimento ou tempero, incenso, macerado, emplastro, banho, lambedor, garrafada, suco, massagem, inalação, gargarejo e óleo. Observou-se ainda algumas variáveis, como “comer junto com a banana” a exemplo do alho (*Allium sativum* L.) ou “usar no biotônico fontoura ou no vinho branco”, como a sucupira (*Bowdichia virgilioides* H. B. K.) (Quadro 4, p. 36).

Em relação às formas de utilização indicadas pelos raizeiros prevaleceu o chá (37%), não sendo especificado pelos raizeiros o infuso ou decocto. Esse valor pode ser considerado mais elevado (49,5%) se enquadrar o macerado (12,5%) como uma forma de chá, Figura 4, p. 44.

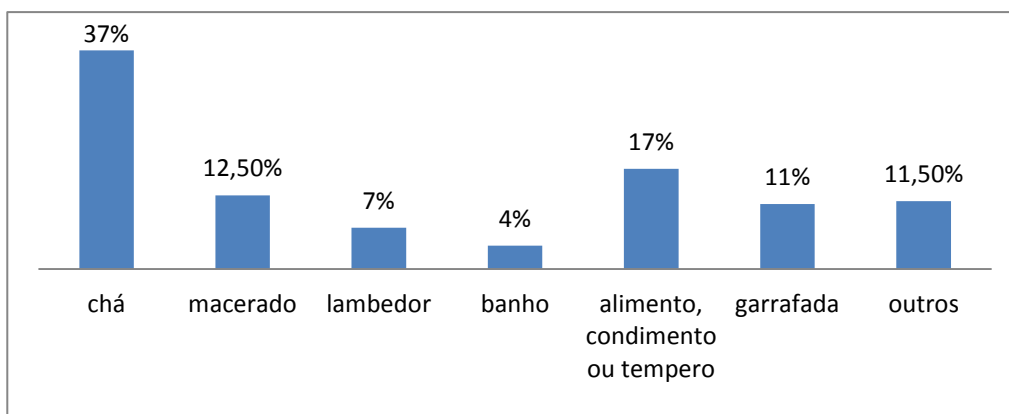


Figura 4. Distribuição percentual das principais formas de utilização das plantas comercializadas pelos raizeiros no município de Cuité-PB

Fonte: Dados da pesquisa

Pôde-se observar que o conhecimento dos entrevistados é limitado no que se refere às formas de utilização que ele conhece para a maioria das plantas e quanto ao seu modo de especificar os chás. Em muitos casos, há mais formas de utilização descritas na literatura do que as citadas durante a pesquisa, uma vez que os mesmos referem-se aos termos “infuso” e “decocto” como sendo simplesmente “chá”. Na prática científica cada uma dessas formas corresponde à obtenção de diferentes constituintes químicos. O termo macerado foi atribuído durante a pesquisa pela linguagem coloquial: “*coloca na água para tomar*”.

A diferenciação dos modos de preparo é importante uma vez que a extração dos princípios ativos da planta está diretamente ligada à parte utilizada e a forma de preparo (FRANÇA et al., 2014).

Ao analisar o Quadro 4 (p. 36) pôde-se observar que as formas de utilização citadas pelo raizeiro em cerca de 76,56% dos casos, estavam de acordo com a literatura. As plantas que apresentaram incompatibilidade quanto às formas de uso ao serem comparadas as indicações do raizeiro com as da literatura foram: barriguda (*Ceiba glaziovii* (Kuntze) K. Schum.), batata de purga (*Operculina macrocarpa* L.), bom nome (*Maytenus rigida* Mart.), cabeça-de-negro (*Cayaponia tayuya* (Vell.) Cong.), hortelã da folha grossa (*Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng.), jucá (*Caesalpinia ferrea* Mart. Ex Tul.), louro (*Laurus nobilis* L.), mororó (*Bauhinia cheilanta* (Bong.) Steud.), mostarda marrom (*Brassica integrifolia* G. E. Schulz.), orégano (*Origanum vulgare* L.), pimenta-do-reino (*Piper nigrum* L.) e ubiratan (*Bombax coriaceum* Mart.).

Os raizeiros indicaram a forma de utilização do brejuí (*Myroxylon peruiferum* L. F.) e maraponga (não determinada à espécie), como macerado e garrafada, respectivamente. Contudo, não foram encontrados dados na literatura que permitissem realizar tal comparação.

Quanto às formas de utilização citadas pelos entrevistados, houve casos em que eles não citaram apenas os nomes, mas também a definição e o modo de preparo, conforme se pode observar a seguir:

✓ Ameixa (*Ximenia americana* L.): “*faz o emplastro, se mistura o pó da casca com óleo de coco e é usado para ferida*” - na literatura não foi encontrada nenhum relato referente à utilização da *Ximenia americana* L. na forma de emplastro;

✓ Alho (*Allium sativum* L.): “*come o alho inteiro, junto com a banana*”- referindo-se ao bulbo fresco, cuja ingestão é indicada farmacologicamente como anti-hipertensiva, antipirética, antimicrobiana, antifúngica, antitrombótica, antiplaquetária, anti-

hiperglicemiante e carminativa, confirmando a indicação do raizeiro (SAAD et al., 2009; SOUSA et al., 2004).

✓ Angico (*Anadenanthera colubrina* (Vell.) Benan): “faz a garrafada, usa o angico junto com canela, semente de sucupira, cravo, anis estrelado e alecrim” - estudos confirmam a forma de uso garrafada e indicam que a *Anadenanthera colubrina* (Vell.) Benan interage com várias plantas medicinais, dentre elas o alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.) aumentando os efeitos peitorais, e também quando associado com a sucupira (*Pterodon emarginatus* Vogel) serve para tratar problemas na coluna (DANTAS, 2007);

✓ Courama (*Bryphyllum pinnatum* Lam.): “faz o suco da folha, passa no liquidificador com leite e toma” - na literatura há relatos do uso do sumo dessa espécie, usado para o tratamento caseiro da gastrite através de duas folhas diluídas em meio copo d’água na dose 10-20ml, antes da primeira refeição (LORENZI E MATOS, 2002);

✓ Sucupira (*Bowdichia virgilioides* H. B. K.): “toma a semente com o biotônico fontoura ou no vinho branco” - não há relatos na literatura referente a essa associação.

A sucupira é considerada uma planta muito segura para o consumo e até o momento não há relatos de contraindicações, recomenda-se que o seu chá seja consumido por até quinze dias consecutivos, retomando seu uso após descansar por outros quinze dias, para que ocorra um equilíbrio no sistema endócrino. No entanto, não há estudos suficientes publicados correlacionados aos efeitos colaterais da sucupira e também não foi encontrada nenhuma contraindicação quanto ao uso contínuo do extrato ou da sua tintura (OLIVEIRA; VALL; 2013).

5.2.2 Parte usada do vegetal

Quanto às partes vegetais indicadas para as preparações dos remédios caseiros, verificou-se que são usados para comercialização todos os órgãos, predominado as folhas (28%), seguida do tubérculo/casca/talo (27%) e das sementes (23%), (Figura 5, p. 47).

O uso acentuado de folhas é um fator positivo na conservação do recurso vegetal, pois não impede o desenvolvimento e a reprodução da planta, se a retirada da parte aérea não for excessiva (PILLA; AMOROZO, 2006).

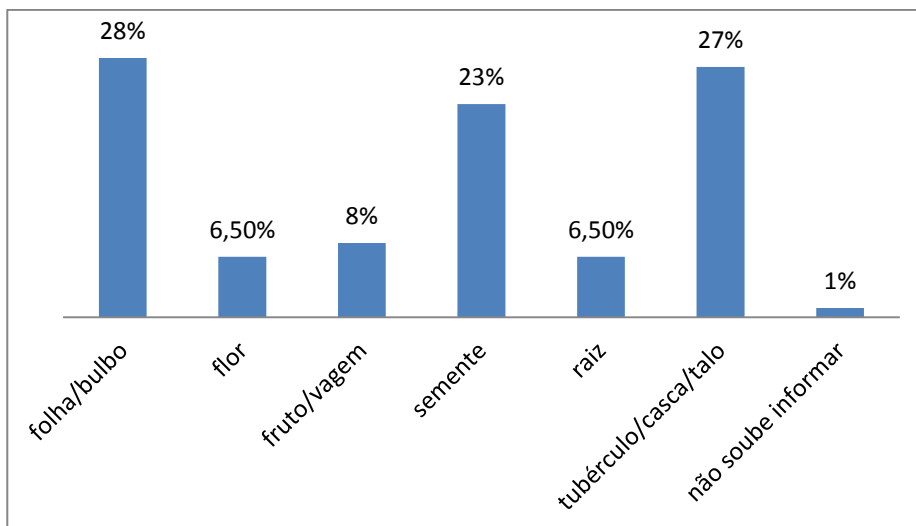


Figura 5. Distribuição percentual da parte utilizada das plantas comercializadas pelos raizeiros no município de Cuité-PB

Fonte: Dados da pesquisa

Ainda no que se refere à parte da planta utilizada nas preparações medicinais (Quadro 4, p. 36), 89% das citações estavam de acordo com a literatura. Essa porcentagem é decorrente de partes dos vegetais comercializados em que o raizeiro citou mais de uma forma de utilização, porém nem todas as formas foram encontradas na literatura, como pode se observar na espécie anis estrelado (*Illicium verum* Hook. f.), em que o raizeiro indicou fruto, flor, semente, folha e casca e na literatura foi encontrado apenas o uso do fruto; ou que citaram apenas uma e foram encontradas mais de uma parte a ser utilizado do vegetal, como, por exemplo, ameixa (*Ximenia americana* L.) em que o raizeiro indicou as cascas e na literatura são descritas as formas casca e fruto a serem utilizados.

Embora menos frequente, pôde-se observar, algumas vezes, que as partes indicadas pelos entrevistados não eram condizentes com as citadas na literatura, a exemplo da oiticica (*Licania rigida* Benth.) que foi indicada o uso de suas cascas, enquanto a literatura registra a utilização de suas sementes ou folhas. Para a cabacinha (*Luffa operculata* (L.) Cogn.), o raizeiro indicou o uso das sementes e ao ser comparado com a literatura, esta registra o uso das raízes (Quadro 4, p. 36).

Além disso, também houve algumas vezes a denominação incorreta dos órgãos vegetais citados pelos entrevistados como, por exemplo, para as espécies *Zingiber officinale* Roscoe. e *Piper nigrum* L., onde citaram para o gengibre o uso da “raiz” referindo-se aos rizomas (caule subterrâneo) e para a pimenta-do-reino o uso da semente referindo-se ao fruto. Contudo, apresentando denominações populares e científicas diferentes para a mesma parte.

Para a espécie *Origanum vulgare* L., os raizeiros não souberam indicar a parte vegetal a ser utilizada, todavia, não estavam fazendo indicação errônea. Os mesmos indicaram que do brejuí (*Myroxylon peruiferum* L. F.) e da maraponga (não determinada à espécie) deve-se fazer o uso das cascas. Porém, não foram encontrados dados na literatura que permitissem realizar tal comparação (Quadro 4, p. 36).

Apesar do conhecimento limitado destes comerciantes sobre os vegetais, o saber que possuem é muito rico e deve ser valorizado e investigado, no intuito de descobrir novas propriedades terapêuticas.

5.2.3 Indicação terapêutica

As indicações dos raizeiros quando comparadas com as da literatura demonstra um expressivo percentual de concordância de 70%, embora em alguns casos a concordância tenha sido parcial - esta denominação foi atribuída às indicações terapêuticas em que o raizeiro citou uma ou mais formas de utilização, porém nem todas foram encontradas na literatura ou vice-versa.

Levando em consideração que uma planta medicinal possui mais de um efeito farmacológico, há casos relevantes que merecem ser investigados. Como, por exemplo, a arruda (*Ruta graveolens* L.), onde os raizeiros indicaram para “cólicas menstruais”, e não foi encontrado na literatura comprovação científica para esse efeito. Contudo, estudos etnobotânicos registram a utilização desta planta como antiespasmódica, corroborando com a indicação do raizeiro (LIMA, 2004).

Existiram ainda casos em que os entrevistados apenas faziam a comercialização das plantas medicinais, mas não sabiam informar a indicação terapêutica, destacando-se: cabeça-de-negro (*Cayaponia tayuya* (Vell.) Cong.), capim-santo (*Cymbopogon citratus* (D C.) Stapf.), jucá (*Caesalpinia ferrea* Mart. Ex Tul.), maraponga (não determinada a espécie), pimenta-do-reino (*Piper nigrum* L.), podaico (*Tabebuia avellanadae* (Lor.) ex Griseb.) e quixabeira (*Sideroxylon obtusifolium* (Roem. & Schult.) T. D. Penn.) (Quadro 4, p. 36). Isto é um fato positivo, pois impede o uso errôneo das espécies.

Durante a pesquisa foi verificado que há duas espécies científicas que não há estudos totalmente elucidados, que são a maraponga (não determinada à espécie nem os demais dados na literatura) e o brejuí (*Myroxylon peruiferum* L. F.) - os quais não foram encontrados informações acerca de sua forma de utilização.

No tocante ao potencial tóxico que as espécies vegetais apresentam apenas a cabacinha (*Luffa operculata* (L.) Cogn.) foi indicada como abortiva, dado que confere com a literatura (RODRIGUES et al., 2011). No entanto, das 61 espécies medicinais reconhecidas 29 são comprovadas cientificamente como abortivas, que são: ameixa (*Ximenia americana* L.), anis estrelado (*Illicium verum* Hook. f.), aroeira-do-sertão (*Myracrodruon urundeuva* Allemão), boldo do chile (*Peumus boldus* Molina), bom nome (*Maytenus rigida* Mart.), cabacinha (*Luffa operculata* (L.) Cogn.), cabeça-de-negro (*Cayaponia tayuya* (Vell.) Cong.), canela (*Cinnamomum zeylanicum* Blume.), coentro verde/vermelho/torceira (*Coriandrum sativum* L.), cuminho (*Cuminum cyminum* L.), endro (*Anethum graveolens* L.), gengibre (*Zingiber officinale* Roscoe), podaico (*Tabebuia avellaneda* (Lor.) ex Griseb.), gergelim branco/preto (*Sesamum indicum* DC.), hortelã da folha miúda (*Mentha x villosa* Huds), pimenta-dalha (*Piper tuberculatum* Jacq), pimenta-do-reino (*Piper nigrum* L.), quina-quina (*Coutarea hexandra* (Jacq.) K. Schum.), quixabeira (*Sideroxylon obtusifolium* (Roem. & Schult.) T. D. Penn.), sena (*Senna alexandrina* Mill.), sucupira (*Bowdichia virgilioides* H. B. K.), ubiratan (*Bombax coriaceum* Mart.), alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.), arruda (*Ruta graveolens* L.), camomila (*Matricaria recutita* L.), capim santo (*Cymbopogon citratus* (D C.) Stapf.), carqueja (*Baccharis trimera* (Less.) DC.), quebra-pedra (*Phyllanthus niruri* L.) e romã (*Punica Granatum* L.) (SAAD et al., 2009; RODRIGUES et al., 2011; MATOS, 2007; DANTAS, 2007; LORENZI E MATOS, 2002).

Entre as 29 espécies tóxicas, citadas anteriormente, que são comercializadas no município as sete ultimas estão inseridas na lista de plantas contraindicadas na gestação segundo a Resolução SES/RJ n.º 175 resolução da Secretária Estadual de Saúde do Rio de Janeiro (SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 2002). Merecendo destaque especial o *Peumus boldus* Molina, a *Matricaria recutita* L., a *Cinnamomum zeylanicum* Blume. e o *Anethum graveolens* L., pois fazem parte das plantas comercializadas por todos os raizeiros e os mesmos desconhecem sua ação abortiva.

A planta medicinal barbatimão (*Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville) embora não seja considerada abortiva é comprovada cientificamente como embriotóxica (LORENZI E MATOS, 2002; DANTAS, 2007; RODRIGUES et al., 2011).

É importante que se tenha maior difusão dessas informações a população, especialmente aos que vendem e compram essas plantas medicinais como, por exemplo, em caso de gravidez, alertando-os ao risco da utilização das plantas medicinais e fitoterápicos, chamando atenção para o perigo potencial da automedicação e das consequências associadas a ele, uma vez que algumas plantas que apresentam efeito abortivo podem apresentar efeito

embriotóxico ou teratogênico, isto é, se alguma planta vier a ser utilizada com finalidade de interrupção da gestação e esse fato não se consumir, a criança pode vir a nascer com problemas como malformação tanto de membros quanto de órgão e/ou problemas relacionados à saúde (RODRIGUES et al., 2011).

A nível de curiosidade, na feira livre, os raizeiros comercializam, além de plantas medicinais, o mineral enxofre indicado para sarna em pessoas e evitar gogo em animais. Embora seja um minério, o enxofre tem sua ação farmacológica comprovada para tratar escabiose (TAVARES; SELORES, 2013).

5.2.4 Posologia

A utilização de vegetais baseada em conhecimentos populares, aliado à crença de que, por ser natural não causa reações adversas é um fator que compromete a segurança e a eficácia, além disto, sabe-se que muitos vegetais apresentam substâncias que podem desencadear reações tóxicas (TUROLLA et al., 2006) e a dose é um fator que favorece isso.

Na pesquisa desenvolvida, não há relatos para todas as espécies quanto à concentração e dose necessárias para produzir o efeito terapêutico, impedindo assim, uma possível comparação entre as informações tradicionais e científicas. Isto é um fato preocupante e demonstra a necessidade de aperfeiçoamento da literatura na área de Fitoterapia, pois informações desse tipo são primordiais para garantir segurança e eficácia no uso das espécies no tocante ao efeito terapêutico proposto.

A posologia das plantas medicinais é de difícil mensuração, tanto pela linguagem utilizada pelos raizeiros quanto pela literatura, uma vez que ainda não há relatos científicos de todas as espécies quanto à concentração e dose necessárias ao efeito terapêutico das plantas medicinais e, em algumas situações, mesmo que a posologia esteja presente, termos utilizados pelos raizeiros como “punhado” e “pouco”, não dá para mensurar diretamente a quantidade em gramas (g), gotas ou mililitros (mL) equivalente às descritas na literatura.

5.3 Importância do resgate cultural para a Ciência e a Sociedade

As plantas medicinais representam fator de grande importância para a manutenção das condições de saúde das pessoas. Somado a comprovação da ação terapêutica de várias plantas

utilizadas popularmente, há o fato de que a fitoterapia representa parte importante da cultura dos povos, sendo parte de saberes utilizados e difundidos pelas populações ao longo de várias gerações (KLEIN et al., 2009).

Muitos consumidores buscam nos locais de venda a indicação de uma erva para uma determinada doença, o que ressalta o quanto a população se mostra carente em relação a informações seguras e precisas sobre as plantas medicinais. Considerando-se que, o uso de plantas é uma prática prevalente em ampla faixa populacional brasileira, uma série de outras plantas poderá ser incluída no RENISUS a partir do relato do uso frequente na medicina popular, sendo evidente a necessidade de pesquisas que avaliem e/ou reafirmem as potencialidades farmacológicas e toxicológicas dessas plantas para que possam ser indicadas para uso na rede pública de saúde.

O Quadro 1 (p. 24) apresenta 71 espécies vegetais que possuem potencial para gerar produtos de interesse ao SUS, dentre estas 11 coincidem com as comercializadas no referido município que são: alho (*Allium sativum* L.), cajueiro roxo (*Anacardium occidentale* L.), carqueja (*Baccharis trimera* (Less.) DC.), erva doce (*Foeniculum vulgare* Mill.), hortelã-da-folha-miúda (*Mentha x villosa* Huds), quebra-pedra (*Phyllanthus niruri* L.), romã (*Punica Granatum* L.), arruda (*Ruta graveolens* L.), barbatimão (*Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville), podaico (*Tabebuia avellanadae* (Lor.) ex Griseb.) e gengibre (*Zingiber officinale* Roscoe). As demais, embora não façam parte dessa lista, a exceção da maraponga (não determinada à espécie), por apresentarem potencial terapêutico comprovado precisam de maiores estudos a fim de servir de interesse para o Sistema Único de Saúde.

O levantamento etnobotânico de plantas medicinais é o primeiro passo a ser realizado na seleção de espécies vegetais para pesquisa. A alegação de um dado efeito terapêutico em humanos pode se constituir num valioso atalho para a descoberta de fármacos, já que o uso tradicional de vegetais pode ser encarado como uma pré-triagem quanto à utilidade terapêutica em humanos, mesmo reconhecendo que estes usos caseiros não estão isentos de efeitos colaterais e toxicidade (MORAIS et al., 2006).

6. CONCLUSÃO

Com o presente trabalho realizou-se o levantamento das plantas medicinais comercializadas pelos raizeiros no município de Cuité, contribuindo assim, com a preservação da cultura local. Assim, foi possível identificar oito raizeiros, os quais comercializam 61 espécies vegetais, sendo possível observar que as informações fornecidas pelos mesmos apresentaram um elevado grau de concordância, relativo à forma de utilização (76,56%), parte utilizada (89%) e indicação terapêutica (70%) quando comparado com a literatura.

Foi possível identificar as espécies em risco de extinção, as que não possuem estudos científicos e as que apresentam potencial tóxico ou abortivo, e observou-se que das espécies comercializadas, apenas 11 faz parte da lista de espécies vegetais que possuem potencial para gerar produtos de interesse ao SUS, sugerindo que as demais espécies registradas necessitem de estudos mais aprofundados para, em um futuro próximo, serem inseridos no sistema de saúde com segurança e eficácia comprovada.

Assim, levantamentos etnobotânicos contribuem para a valorização do conhecimento na região pesquisada, tendo em vista que novos dados favorecem a Ciência. Dessa forma, torna-se importante o desenvolvimento de projetos que unam a Universidade e esse grupo estudado para um planejamento e realização de uma padronização entre a linguagem dos raizeiros e a literatura existente, havendo maior troca de informações tanto empíricas quanto científicas.

REFERÊNCIAS

- ANSELMO, A. F. et al. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais comercializadas por raizeiros em uma feira livre no município de Patos - PB. **Revista de Biologia e Farmácia**, v. especial, 2012.
- ARAÚJO, C. R. F. et al. Raizeiros e Raizeiras enquanto multiplicadores do conhecimento popular: um resgate na literatura. **Revista Saúde e Ciência Online**, v. 3, n. 1, p. 35-43, 2014.
- BABU, P. S.; PRABUSEENIVASAN, S.; IGNACIMUTHU, S. Cinnamaldehyde - A potential antidiabetic agent. **Phytomedicine**, v. 14, p. 15-22, 2007.
- BADKE, M. R. et al. Plantas medicinais: o saber sustentado na prática do cotidiano popular. **Escola Anna Nery**, v. 15, n. 1, p. 132-39, Jan./Mar. 2011.
- BAI, X. et al. Anti-hepatotoxic and anti-oxidant effects of extracts from *Piper nigrum* L. root. **African journal of biotechnology**, v.10, n. 2, p. 267-272, 2011.
- BRASILEIRO, B. G. et al. Plantas medicinais utilizadas pela população atendida no “Programa de Saúde da Família”, Governador Valadares, MG, Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, v. 44, n. 4, p. 229-236, out./dez., 2008.
- BEGNAMI, A. F. et al. Antimicrobial potential of *Coriandrum sativum* L. against different *Candida* species *in vitro*. **Food Chemistry**, v. 118, n. 1, p. 74-77, Jan. 2010.
- BETTAIEB, I. et al. Essential Oils, Phenolics, and Antioxidant Activities of Different Parts of Cumin (*Cuminum cyminum* L.). **Journal of Agricultural and Food Chemistry**, v. 58, n. 19, p. 10410-10418, 2010.
- BRASIL. ANVISA, Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Resolução RDC nº 10, de 9 de Março de 2010**. Disponível em: <<http://www.fitoterapia.com.br/portal/pdf/rdc10.pdf>>. Acesso em 04 de Setembro de 2014.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Fitoterapia**, 2010.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **RENISUS - Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS. Espécies vegetais**. DAF/SCTIE/MS - RENISUS - fev/2009. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/RENISUS.pdf>>. Acesso em 04 de Setembro de 2014.
- BRASIL. Presidência da República. **Decreto nº 5.813 de 22 de junho de 2006**. Aprova a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e dá outras providências. Poder Executivo, Brasília, 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5813.htm>. Acesso em 04 de Setembro de 2014.
- BRITO, M. S. **Prospecção química e avaliação da atividade antioxidante de extratos dos caules de *Croton linearifolius* (Euphorbiaceae)**. 2014. 48 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Itapetinga, 2014.

- CAMPOS, E. **Avaliação do uso de plantas medicinais por famílias que utilizam os serviços do Centro de Saúde Madre Paulina no Município de Leoberto Leal - SC.** 2011. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Farmácia) - Universidade Regional de Blumenau - FURB, Blumenau, 2011.
- CASTRO, D. L. L. **Aspectos toxicológicos das plantas medicinais utilizadas no Brasil: um enfoque qualitativo no Distrito Federal.** 2006. 63 f. Especialização (Qualidade em Alimentos) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- CONCEIÇÃO, G. M. et al. Plantas do cerrado: comercialização, uso e indicação terapêutica fornecida pelos raizeiros e vendedores, Teresina, Piauí. **Scientia Plena**, v. 7, n. 12, 2011.
- CORDEIRO, A. A. S.; MORAIS, G. A. **Potencial de utilização de espécies arbóreas medicinais por moradores da gleba ouro verde, Ivinhema-MS:** diagnóstico do público beneficiado. Anais do Semiárido de Extensão Universitária – SEMEX, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.uems.br/index.php/semex/article/view/2651/1258>>. Acesso em 04 de Setembro de 2014.
- DANTAS, I. C. **O raizeiro.** Campina Grande: ed. EDUPB, 2007.
- DANTAS, V. S. et al. Análise das garrafadas indicadas pelos raizeiros na cidade de Campina Grande-PB. **Revista de Biologia e Farmácia**, v. 3, n. 1, 2008.
- DUARTE, M. C. T. Atividade antimicrobiana de plantas medicinais e aromáticas utilizadas no Brasil. **Revista MultiCiência**, n. 7, 2006.
- ENGELKE, F. Fitoterápicos e Legislação. **Jornal Brasileiro de Fitomedicina**, v. 1, n.1, p. 10-15, 2003.
- FIRMO, W. C. A. et. al. Contexto histórico, uso popular e concepção científica sobre plantas medicinais. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 18, n. especial, Dez. 2011.
- FRANÇA, A. S. et al. Plantas medicinais comercializadas na feira livre do município de Pocinhos-PB: conhecimentos do raizeiro *versus* literatura. **Scientia Plena**, v. 10, p.1-9, 2014.
- FRANÇA, E. L. et al. Efeito do composto “mais vida” na ativação de macrófagos de ratos diabéticos. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Botucatu, v.14, n.1, p.1-7, 2012.
- FREITAS, A. V. L. et al. Os raizeiros e a comercialização de plantas medicinais em São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 10, n. 2, Abr./Jun. 2012.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 04 de Setembro de 2014.
- KLEIN, T. et al. Fitoterápicos: um mercado promissor. **Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada**, v. 30, n. 3, p. 241-248, 2009.
- LACERDA, J. R. et al. Conhecimento popular sobre plantas medicinais e sua aplicabilidade em três segmentos da sociedade no município de Pombal-PB. **Agropecuária Científica do**

Semiárido, v. 9, n. 1, p. 14-23, 2013.

LAMARI, E. C.; DORNELLAS, M. C.; SHIBATTA, L. S. A Utilização de Plantas Medicinais pela População de Londrina, PR. **Terra e Cultura**, n. 52, ano 27, Jan./Jun. 2011.

LANINI, J. et al. “O que vêm da terra não faz mal” - relatos de problemas relacionados ao uso de plantas medicinais por raizeiros de Diadema/SP. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 19, n. 1A, Jan./Mar. 2009.

LANZOTTI, V. et al. Antifungal saponins from bulbs of white onion, *Allium cepa* L. **Phytochemistry**, v. 74, p. 133-139, 2012.

LIMA, J. L. S. et al. **Plantas medicinais de uso comum no nordeste do Brasil**. 1ª ed. Campina Grande: Ludigraf Editora e Gráfica Ltda, 2006.

LIMA et al. **Plantas medicinais na Paraíba: retratos da memória**. 1ª ed. João Pessoa: Editora Utopia, 2004.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas cultivadas**. Instituto Planarum, Nova Odessa-PB, 2002.

MARTINS, L. S. **A utilização da Fitoterapia em Três Comunidades Quilombolas da Mesorregião do Agreste da Paraíba**. 2010. 37 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Licenciatura em Enfermagem) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2010.

MATOS, F. J. A. **Farmácias Vivas: sistema de utilização de plantas medicinais projetado para pequenas comunidades**. Fortaleza: Editora UFC, 2002.

MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais: guia de seleção e emprego das plantas usadas em fitoterapia no Nordeste do Brasil**. 3. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2007.

MORAIS, S. M. et al., Ação antioxidante de chás e condimentos de grande consumo no Brasil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 19, n. 1B, p. 315-320, Jan./Mar. 2009.

MORAIS, I. C. et al. Levantamento sobre plantas medicinais comercializadas em Goiânia: abordagem popular (raizeiros) e abordagem científica (levantamento bibliográfico). **Revista Eletrônica de Farmácia**, v. 2, n. 1, p. 13-16, 2006.

NASCIMENTO, M. J. S. **A dinâmica socioespacial da feira de Cuité/PB**. 2011. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2011.

NASCIMENTO, W. M. C. et al. Plantas medicinais e sua utilização pelas comunidades do município de Sobral, Ceará. **SANARE - Revista de Políticas Públicas**, v. 12, n. 1, Jan./Jun. 2013.

OLIVEIRA, J. B.; VALL, N. C. **Sucupira: planta que cura**. Anais do V Seminário de Pesquisas e TCC da FUG no semestre 2013-1. Disponível em:

<<http://fug.edu.br/2010/pdf/tcc/SUCUPIRA%20Planta%20que%20Cura.pdf>>. Acesso em 04 de Setembro de 2014.

OOTANI, M. A. et al. Utilização de Óleos Essenciais na Agricultura. **Journal of Biotechnology and Biodiversity**, v. 4, n. 2, p. 162-175, May. 2013.

PAJOHI, M. R. et al. Synergistic antibacterial activity of the essential oil of *Cuminum cyminum* L. seed and nisin in a food model. **Journal of Applied Microbiology**, v. 110, n. 4, p. 943–951, Abr. 2011.

PEREIRA, R. J.; CARDOSO, M. G. Metabólitos secundários vegetais e benefícios antioxidantes. **Journal of Biotechnology and Biodiversity**, v. 3, n.4, p. 146-52, Nov. 2012.

PIANA, M. C. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

PILLA, M. A. C.; AMOROZO, M. C. M. Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, Município de Mogi-Mirim, SP, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 20, n. 4, p. 789-802, 2006.

PORTAL BRASIL. **Relação de fitoterápicos ofertados pelo SUS**. Palácio do Planalto - Presidência da República, Brasília, 09 de Novembro de 2012. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/saude/2012/11/sus-tem-fitoterapicos-para-doencas-simples/relacao-de-fitoterapicos-oferecidos-pelo-sus/view>>. Acesso em 04 de Setembro de 2014.

PORTAL PLANALTO. **SUS oferece fitoterápicos na rede pública como alternativa de tratamento**. Palácio do Planalto - Presidência da República, Brasília, 09 de Novembro de 2012. Disponível em: <<http://www2.planalto.gov.br/excluir-historico-nao-sera-migrado/sus-oferece-fitoterapicos-como-alternativa-de-tratamento-na-rede-publica>>. Acesso em 04 de Setembro de 2014.

QUINTEIRO, M. M. C. **Etnobotânica aplicada à definição de estratégias de conservação em Visconde de Mauá, Área de Proteção Ambiental da Serra da Mantiqueira**. 2008. 168 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

RIBEIRO, et al. Uso popular e comércio informal de plantas medicinais no município de Sanclerlândia, Goiás, Brasil. **Revista Faculdade Montes Belos (FMB)**, v. 6, n. 1, p. 1-13, 2013.

ROCHA, M. B. et al. Efeito antiespasmódico de 4'-methylepigallocatechin em cobaia fêo. **Fitoterapia**, v. 83, n. 7, p.1286-90, 2012.

RODRIGUES, H. G. et al. Efeito embriotóxico, teratogênico e abortivo de plantas medicinais. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Botucatu, v. 13, n. 3, p. 359-366, 2011.

ROSSI, A. A. B. et al. Diversidade e utilização de plantas medicinais na comunidade Santa Lúcia, zona rural do Município de Alta Floresta, MT. **Cadernos de Agroecologia**, v. 8, n. 2, 2013.

SAAD, Gláucia de Azevedo et al. **Fitoterapia contemporânea: tradição e ciência na prática clínica**. 1. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

SAMOJLIK, I. et al. Antioxidant and Hepatoprotective Potential of Essential Oils of Coriander (*Coriandrum sativum* L.) and Caraway (*Carum carvi* L.) (Apiaceae). **Journal of Agricultural and Food Chemistry**, v. 58, n. 15, p. 8848-8853, 2010.

SANTOS, P. L. et al. Utilização de extratos vegetais em proteção de plantas. **Enciclopédia Biosfera**, Centro Científico Conhecer - Goiânia, v. 9, n.17, 2013.

SANTOS, O. K. C. **Diagnostico etnobotânico das plantas medicinais comercializadas na feira livre no município de Cuité-PB**. 2014. 88 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, Cuité, 2014.

SANTOS, V. L. et al. Avaliação da atividade antimicrobiana de *Maytenus rigida* Mart. (Celastraceae). **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Botucatu, v. 13, n. 1, 2011.

SANTOS, V. L. et al. Estudo farmacológico do extrato etanólico de *Maytenus rigida* Mart (Celastraceae) em modelos animais. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, João Pessoa, v. 17, n. 3, Jul./Set. 2007.

SCHEK, G. **Plantas Medicinais e o cuidado em saúde em famílias descendentes de Pomeranos no Sul do Brasil**. 2011. 101 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.

SCHWARCZ, K. D. et al. Microsatellite markers for the Cabreúva tree, *Myroxylon peruiferum* (Fabaceae), an endangered medicinal species from the Brazilian Atlantic Forest. **Genetics and Molecular Research**, v. 13, n. 3, p. 6920-6925, 2014.

SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Resolução nº 1757, de 18 de fevereiro de 2002**. Disponível em: <<http://www.abfit.org.br/legisla%C3%A7%C3%A3o-e-pol%C3%ADticas-p%C3%BAblicas/sa%C3%BAde/36-resolu%C3%A7%C3%A3o-ses-rj-n%C2%BA-1757>>. Acesso em 15 de Janeiro de 2015.

SILVA, G. T. **Contribuição para o conhecimento de espécies da família cactaceae: usos pela medicina popular e potencial terapêutico**. 2014. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Farmácia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

SIMÕES, C. M. O. et al. **Farmacognosia: da planta ao medicamento**. 6ª ed. Porto Alegre: UFRGS, Editora da UFSC, 2010.

SOUSA, M. P. et al. **Constituintes químicos ativos e propriedades biológicas de plantas medicinais brasileiras**. 2ª ed. Fortaleza: Editora UFC, 2004.

SOUZA, D. O. **Avaliação dos efeitos centrais da administração aguda do extrato hidroalcoólico de *Annona muricata* L. em camundongos**. 2013. 119 f. Dissertação (Mestrado em Bioprospecção Molecular) - Universidade Regional do Cariri - URCA, Crato, 2013.

SOUZA-MOREIRA, T. M.; SALGADO, H. R. N.; PIETRO, R. C. L. R. O Brasil no contexto de controle de qualidade de plantas medicinais. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 20, n. 3, Jun./Jul., 2010.

TAVARES, M.; SELORES, M. Escabiose - recomendações práticas para diagnóstico e tratamento. **Revista de pediatria do centro hospitalar do porto**, v. 23, n. 2, 2013.

TRESVENZOL, L. M. et al. Estudo sobre o comércio informal de plantas Medicinais em Goiânia e cidades vizinhas. **Revista Eletrônica de Farmácia**, v. 3, p. 23-8, 2006.

TRINDADE, C. et al. **Farmácia Viva - Utilização de Plantas Medicinais**. Viçosa-MG, CPT, 2008.

TUROLLA, M. S. R.; NASCIMENTO, E. S. Informações toxicologias de alguns fitoterápicos utilizados no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, v. 42, n. 2, p. 289-306, 2006.

USTULIN, M. et al. Plantas medicinais comercializadas no Mercado Municipal de Campo Grande-MS. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 19, p. 805-813, 2009.

VEIGA-JUNIOR, V. F. Estudo do consumo de plantas medicinais na Região Centro-Norte do estado do Rio de Janeiro: aceitação pelos profissionais de saúde e modo de uso pela população. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 18, n. 2, Abr./Jun., 2008.

VIEIRA, V. M. S. F. **Etnobotânica de plantas medicinais comercializadas em mercados públicos do nordeste brasileiro**. 2012. 118 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Farmacêuticas) - Universidade Federal do Ceara, Fortaleza, 2012.

XAVIER, J. F. et al. Plantas medicinais cultivadas e utilizadas pelos agricultores das microrregiões Paraibanas: Curimataú e Seridó. **Cadernos de Agroecologia**, v. 6, n. 2, 2011.

ZICKER, M. C. **Obtenção e utilização do extrato aquoso de jabuticaba (*Myrciaria jabuticaba* (Vell.) Berg) em leite fermentado: caracterização físico-química e sensorial**. 2011. 139 f. Dissertação (Mestrado em Ciência de Alimentos) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Declaração de concordância com projeto de pesquisa.

Título da Pesquisa: PLANTAS MEDICINAIS COMERCIALIZADAS NA FEIRA LIVRE DO MUNICÍPIO DE CUITÉ, PARAÍBA: CONHECIMENTO DO RAIZEIRO *versus* LITERATURA.

Eu, **Aline dos Santos França**, discente do curso de Bacharelado em Farmácia da Universidade Federal de Campina Grande, portador do RG 3.491.717, Matrícula 510120235, declaro que estou ciente do referido Projeto de Pesquisa e comprometo-me em verificar seu desenvolvimento para que se possam cumprir integralmente os itens da Resolução 196/96, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Prof.^a Dr.^a Danielly Albuquerque da Costa
(Orientadora)

Aline dos Santos França
(Orientanda)

Cuité, 2014.

APÊNDICE B - Termo de compromisso do responsável pelo projeto em cumprir os termos da Resolução 196/96 do CNS.

Pesquisa: PLANTAS MEDICINAIS COMERCIALIZADAS NA FEIRA LIVRE DO MUNICÍPIO DE CUITÉ, PARAÍBA: CONHECIMENTO DO RAIZEIRO *versus* LITERATURA.

Eu, **Danielly Albuquerque da Costa**, docente da Universidade Federal de Campina Grande portadora do RG: 1.916.652 SSP-PB e CPF: 024.317.304-09 comprometo-me em cumprir integralmente os itens da Resolução 196/96 do CNS, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos. Estou ciente das penalidades que poderei sofrer caso infrinja qualquer um dos itens da referida resolução.

Por ser verdade, assino o presente compromisso.

Prof.^a Dr.^a Danielly Albuquerque da Costa
MAT. SIAPE: 1916652
ORIENTADORA

Cuité, 2014.

APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE.

O trabalho “**PLANTAS MEDICINAIS COMERCIALIZADAS NA FEIRA LIVRE DO MUNICÍPIO DE CUITÉ, PARAÍBA: CONHECIMENTO DO RAIZEIRO *versus* LITERATURA**” terá como objetivo geral comparar o conhecimento dos Raizeiros sobre as plantas medicinais comercializadas no município de Cuité-PB, com a Literatura Científica. Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, _____, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar dessa Pesquisa. Declaro ser esclarecido (a) e estar de acordo com os seguintes pontos:

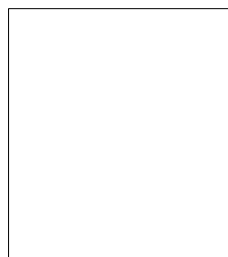
- Ao voluntário só caberá à autorização para responder ao questionário e não haverá nenhum risco ou desconforto.
- Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial, revelando os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/ Ministério da Saúde.
- O voluntário só caberá à autorização para responder ao questionário e não haverá nenhum risco ou desconforto ao voluntário.
- Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.

Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica nos números **(083) 9938-9912 ou (083) 9802-5644** com **DANIELLY ALBUQUERQUE DA COSTA** ou **ALINE DOS SANTOS FRANÇA**, respectivamente.

Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

Assinatura do pesquisador responsável

Assinatura do participante da pesquisa



Assinatura Dactiloscópica Participante da pesquisa

APÊNDICE D - Questionário semiestruturado para entrevista destinada aos raizeiros.

**Pesquisa: PLANTAS MEDICINAIS COMERCIALIZADAS NA FEIRA LIVRE DO MUNICÍPIO DE CUITÉ, PARAÍBA:
CONHECIMENTO DO RAIZEIRO *versus* LITERATURA.**

NOMENCLATURA VULGAR	FORMA DE UTILIZAÇÃO	PARTE UTILIZADA	INDICAÇÃO TERAPÊUTICA	POSOLOGIA
1.				
2.				
3.				
4.				
5.				
6.				
7.				
8.				
9.				
10.				

Entrevistado (a), n.: _____

Gênero: () Masculino () Feminino

Idade: _____

Cuité, PB.

Data da entrevista: ____/____/2014.

ANEXO A - Parecer de aprovação do projeto pelo comitê de ética em pesquisa.

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO
ALCIDES CARNEIRO /
UNIVERSIDADE FEDERAL DE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: PLANTAS MEDICINAIS COMERCIALIZADAS POR RAIZEIROS EM QUATRO MUNICÍPIOS DA PARAÍBA

Pesquisador: Danielly Albuquerque da Costa

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 12129713.4.0000.5182

Instituição Proponente: Universidade Federal de Campina Grande - Centro de Educação e Saúde da

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 321.615

Data da Relatoria: 20/06/2013

Apresentação do Projeto:

Este projeto visa conhecer a forma de preparo, demanda e indicações dos raizeiros em Picuí, Cuitê, Esperança e Pocinhos, municípios do estado da Paraíba.

Objetivo da Pesquisa:

Realizar um levantamento das plantas medicinais comercializadas por raizeiros em quatro municípios da Paraíba, destacando-se Cuitê, Esperança, Picuí e Pocinhos, contribuindo assim com o resgate e preservação da cultura local.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Aparentemente não há riscos. Os benefícios seriam, se a pesquisa for bem divulgada, na possibilidade de facilitar o resgate desse uso de plantas medicinais que, na cultura popular, está cada vez mais escasso, sendo propriedade de outros setores da sociedade.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

É uma pesquisa importante para a área de Farmácia e para a sociedade como um todo, pois o resgate da cultura popular sobre o manuseio das plantas medicinais é extremamente importante para o dia a dia das pessoas. Além disso, o resumo do projeto está bem estruturado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentou a folha de rosto assinada, TCLE, projeto, instrumento de coleta da informação,

Endereço: Rua: Dr. Carlos Chagas, s/n
Bairro: São José CEP: 58.107-670
UF: PB Município: CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 Fax: (83)2101-5523 E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO
ALCIDES CARNEIRO /
UNIVERSIDADE FEDERAL DE



Continuação do Parecer: 321.615

(questionário), declaração, justificativa pelas declarações anteriormente pendentes.

Recomendações:

Que seja aprovado.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O presente projeto de pesquisa, atende as Normas Éticas contidas na Resolução nº. 196/ 96 do Conselho Nacional de Saúde - CNS, consideramos o mesmo aprovado.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

CAMPINA GRANDE, 01 de Julho de 2013

Assinador por:
Maria Teresa Nascimento Silva
(Coordenador)

Endereço: Rua: Dr. Carlos Chagas, s/n
Bairro: São José CEP: 58.107-670
UF: PB Município: CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 Fax: (83)2101-5523 E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br